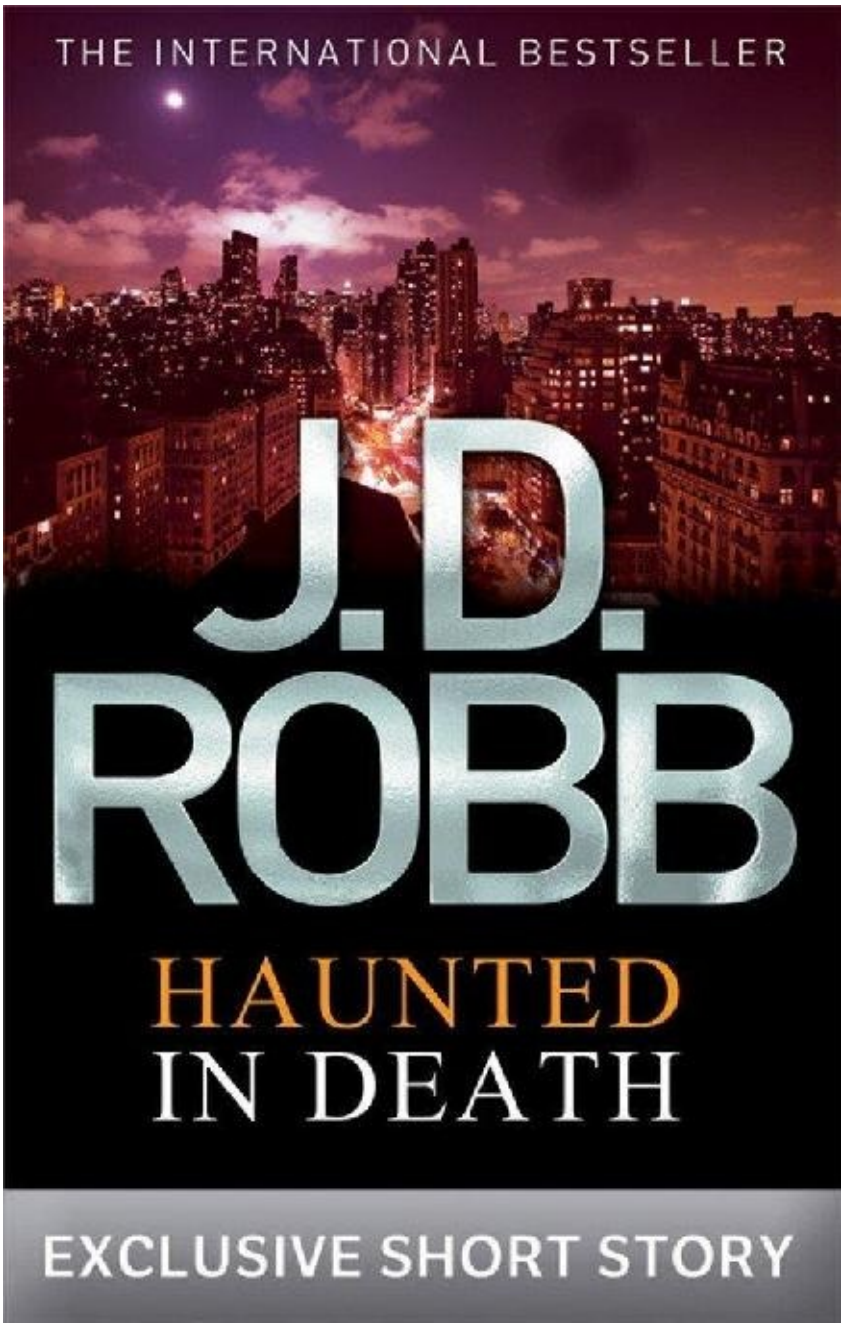


J. D. Robb

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Assombração Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. RObb

Conto exclusivo

Antology Bump in the Night:

“Haunted in Death”

Assombração

MORTAL

Sinopse

O Número Doze é uma lenda urbana em 2060 na Cidade de Nova York. O clube badalado da década de 1960 agora é relatado como assombrado... e amaldiçoado. A Tenente Eve Dallas é chamada lá para investigar o aparente assassinato de Radcliff Hopkins, seu novo proprietário e o neto do homem que fez do Número Doze um ícone cultural. Várias balas de uma arma proibida terminam o seu sonho do prédio retornar à sua antiga glória. Com todos a sua volta falando sobre o sobrenatural, a pragmática Eve não vai deixar os rumores de fantasmas distraí-la das provas concretas. O caso torna-se ainda mais bizarro quando ele parece estar ligado ao desaparecimento suspeito de uma estrela do rock 85 anos atrás. Quando Eve procura uma conexão, a lógica se choca com o inexplicável. Ela pode ser forçada a enfrentar a ameaça de algo mais perigoso do que um assassino de carne e osso.

EPÍGRAFE

Quase sempre há um método na loucura.

—G. K. CHESTERTON

Não precisa que nenhum fantasma, meu senhor,

venha do túmulo para nos dizer isso.

—WILLIAM SHAKESPEARE

CAPÍTULO UM

inverno podia ser assassino. As ruas escorregadias e calçadas geladas quebravam ossos e rachavam crânios com regularidade

O alegre. Temperaturas despencando congelava o sangue e parava o coração de uns poucos seletos todas as noites na miséria frígida das calçadas da cidade.

Mesmo aqueles com sorte suficiente para ter casas quentes e acolhedoras ficaram presos dentro delas pelos ventos amargos e chuvas geladas. Nas duas primeiras semanas de janeiro de 2060 — pós-férias — o inverno rigoroso foi um fator que contribuiu para o forte aumento das ligações para o Departamento de Polícia e Segurança da Cidade de Nova York por perturbações domésticas.

Até mesmo os casais razoavelmente felizes têm tiques quando estão unidos o suficiente pelas cordas frias do inverno.

Para a tenente Eve Dallas, brigas domésticas não eram o seu departamento. A menos que algum casal enlouquecesse e matasse um ao outro por puro tédio.

Ela era da Divisão de Homicídios.

Nesta miserável manhã de gelar os ossos, ela se levantou sobre o morto. Não foi o frio ou o gelo que havia matado Radcliff C. Hopkins III.

Ela não podia dizer, por enquanto, se os dedos azuis causados pelo inverno tinham sido um fator contribuinte. Mas ficou claro que alguém tinha colocado inúmeros buracos desagradáveis no peito de Radcliff C. E outro perfeitamente centrado na sua testa larga.

Ao lado dela, a parceira de Eve, a detetive Delia Peabody, se agachou para dar um olhar mais atento. — Eu nunca vi esses tipos de feridas antes, além dos vídeos de treinamento.

— Eu já vi. Uma vez.

Tinha sido em um inverno também, Eve lembrou, quando ela parou sobre a primeira vítima de uma série de estupros/assassinatos. A proibição de armas tinha praticamente eliminado as mortes por armas de fogo, então ferimentos de bala eram raros. Não que as pessoas não continuem a matar uns aos outros habitualmente. Mas a violência remota e a simplicidade de uma bala em carne e osso não era muitas vezes o método de escolha nestes dias.

Radcliff C. poderia ter sido morto por um método antiquado, mas isso não fazia dele menos morto.

— Os caras do laboratório vão adorar isso — Eve murmurou. — Eles não recebem muitas chamadas para lidar com balística.

Ela era uma mulher alta, com uma compleição magra dentro de um casaco de couro preto e longo. Seu rosto era afiado com ângulos, seus olhos

longos, castanhos e observadores. Como uma rara concessão para o frio, ela colocou um gorro preto sobre seu cabelo castanho curto, geralmente desarrumado. Mas ela tinha perdido as luvas novamente.

Ela continuou a ficar de pé, deixando sua parceira utilizar o medidor do momento da morte.

— Seis feridas visíveis — disse Eve. — Quatro no corpo, uma na perna direita, uma na cabeça. Pelos respingos e pela trilha de sangue, parece que ele foi atingido primeiro lá. — Ela apontou a poucos metros de distância. — Alguém o derrubou com força para baixo, então ele tentou engatinhar. Indivíduo grande, carnudo, deu uma olhada forte nele. Ele talvez tivesse força suficiente para rastejar um pouco, talvez para tentar levantar-se de novo. — Hora da morte, duas e vinte. — Peabody, com seu cabelo escuro em um corte curto e ousado na base do seu pescoço, olhou para cima. Seu rosto quadrado e robusto era de uma policial solene, mas havia um brilho em seus olhos, escuros como o cabelo dela. — Identidade confirmada. Você sabe quem ele é, certo?

— Radcliff C. Hopkins. Com os algarismos romanos espalhafatosos depois.

— A sua falta de interesse pela cultura popular está aparecendo novamente. Seu avô era Hop Hopkins, e fez algumas fortunas nos anos sessenta. Mil novecentos e sessenta. Sexo, drogas e rock ‘n roll. Boates,

casas noturnas. Com sede em Los Angeles, na sua maioria, antes da Califórnia virar o grande hit, mas ele tinha um ponto quente aqui em Nova York.

Peabody trocou seu peso. — Um negócio quente por duas décadas, em seguida, teve sérias sequências de má sorte. A ainda mais lendária Bobbie Bray, ela era. .

— Eu sei quem Bobbie Bray era. — Eve enganchou seus polegares em seus bolsos, balançando sobre os calcanhares enquanto ela continuava a estudar o corpo, a cena de crime. — Eu não sou completamente alheia à cultura popular. Estrela de rock, viciada e uma figura de culto agora. Desapareceu sem deixar vestígios.

— Sim, bem, ela era sua esposa, terceira ou quarta, quando ela desapareceu. Rumores e fofocas diziam que talvez ele a matou ou ela o havia feito, mas a polícia não conseguiu encontrar provas suficientes para indiciá-lo. Ele era assustador, era tipo um eremita, perdeu grandes pilhas de dinheiro e acabou tendo uma overdose com sua droga de escolha — não lembro qual era — aqui em Nova York.

Peabody se levantou. — A partir daí é pura lenda urbana. O lugar onde ele teve uma overdose foi no andar superior do clube, que é onde ele tinha se escondido. No apartamento de luxo que ele tinha construído no piso superior. O prédio passou de mão em mão, mas ninguém nunca conseguia

fazer negócios por lá porque. .

Peabody fez uma pausa agora, para dar efeito. — Ele é assombrado. E amaldiçoado. Qualquer um que já tentou viver lá, ou colocar um negócio, sofreu de infortúnios pessoais e/ou físicos.

— Número Doze. Sim, eu já ouvi falar. Interessante.

Com as mãos ainda em seus bolsos, Eve esquadrinhou a sala grande e dilapidada. — Assombrado e amaldiçoado. Parece redundante. Acho que talvez Radcliff C. imaginou que ia escapar disso.

— O que você quer dizer? — Em seguida, a mandíbula de Peabody abriu. — É este lugar? *Este*? Oh, cara. Caraca.

— Um anônimo ligou para o 911. Vou querer rever aquela transmissão, pois é provável que era o assassino. O que eu tenho é que a vítima, proprietária do edifício, o estava reformando, redesenhando. Talvez procurando alguns dos dias de glória de seu avô. Mas o que o nosso garoto está fazendo andando em torno de um edifício assombrado e amaldiçoado às duas da manhã?

— É este lugar — Peabody repetiu, reverentemente agora. — O Número Doze.

— Já que o endereço é na rua *Twelve East Twelfth*, eu receio ter que dizer que sim. Vamos virá-lo.

— Ah, certo.

Quando rolou o corpo, Eve franziu os lábios. — Alguém realmente queria esse cara morto. Mais três ferimentos identificados na parte traseira. O laboratório irá confirmar, mas eu estou pensando..

Ela atravessou a sala em direção a um conjunto de velhas escadas de ferro circulares. — Ele estava de pé por aqui, de frente para o atacante. *Pou, pou*. Levou tiros no peito. — Ela bateu a mão em seu próprio peito. — Tropeça para trás, cai. O rastro de sangue manchado me diz que a vítima tentou rastejar para longe, provavelmente em direção às portas.

— As portas estavam trancadas por dentro. O primeiro a chegar na cena disse — acrescentou Peabody.

— Sim. Então, ele está engatinhando e o assassino se move. *Pou, pou*, na parte de trás. — *O som dos tiros devem ter explodido no ar aqui,* pensou Eve. *Deve ter deixado os ouvidos tinindo.* — Mas não é o suficiente. Não, nós não terminamos ainda. O corpo cai, tem que estar morto ou morrendo, mas não é o suficiente. Vira o corpo, coloca o cano da arma na testa dele. Está vendo as marcas de queimadura ao redor do ferimento na testa? Contato. Eu estudei um monte sobre armas de fogo durante o caso DeBlass uns dois anos atrás. Coloca o cano da arma direito contra a cabeça e *pou.* Golpe de misericórdia.

Eve viu em sua cabeça. Ouviu, cheirou. — Você coloca uma arma assim. — Ela pressionou a ponta do dedo em sua própria testa. — Você a coloca

direto contra a pele e atira, é pessoal. Você coloca tantas balas de aço em alguém, você está seriamente chateado.

— A vítima está com um relógio de pulso brilhante que parece uma antiguidade, a carteira com dinheiro e créditos no interior, códigos chave, *tablet* e *tele-link*. O assassino não se incomodou em fazer com que pareça um roubo.

— Vamos verificar os eletrônicos. Vamos dar uma olhada no *tele-link*.

Eve pegou o *tele-link* em suas mãos fechadas, acessando a última transmissão. Houve um som de sussurro e vento que Eve teve que admitir que formigou um pouco sua coluna. Uma voz feminina e rouca flutuou através dele.

Número Doze. Duas da manhã. Venha. Venha, e nós vamos festejar.

— Talvez tenha sido roubo, no final das contas.

— Você ouviu aquela voz? — Peabody enviou um olhar cauteloso sobre seu ombro. — Parecia, você sabe, sobrenatural.

— Engraçado, soou como uma gerada por computador para mim. Mas talvez seja porque eu sei que fantasmas não fazem transmissões por *tele-links*, ou disparam armas. Porque, e isso pode ser novidade para você, Peabody, fantasmas não existem.

Peabody apenas balançou a cabeça, sabiamente. — Oh, é? Diga isso para a minha tia-avó Josie que morreu há oito anos e voltou meia dúzia de

vezes para importunar meu tio-avô Phil por causa de sua fixação com o vaso sanitário com vazamento no banheiro. Ela o deixou em paz depois de ele ter chamado o encanador.

— E quanto é que o seu tio-avô Phil bebeu?

— Oh, qual é. As pessoas veem fantasmas o tempo todo.

— Isso porque as pessoas, em geral, são doidas. Vamos trabalhar no caso, Peabody. Não foi um dedo fantasmagórico que puxou o gatilho aqui. Ou atraiu a vítima a um local isolado no meio da noite. Vamos às investigações. Esposa, família, beneficiários, parceiros de negócios, amigos, inimigos. E vamos manter isso no corpóreo.

Eve voltou a examinar o corpo, se perguntando se ele tinha trazido o que quer que fosse. — Pode ensacar e etiquetar. Comece verificando as portas e janelas. Vamos descobrir como o assassino saiu do edifício. Eu vou ter outra conversa com o primeiro a chegar na cena de crime.

— Você quer que eu fique aqui? Que eu ande por aqui. Sozinha?

— Você está brincando? — Um olhar para o rosto de Peabody disse a Eve que sua parceira estava falando sério. — Ah, pelo amor de Deus. Você fica com o primeiro a chegar na cena. Vou ficar com o edifício.

— Plano melhor. Você quer que a cena do crime seja analisada agora, e o corpo seja transportado?

— Faça isso.

Eve tomou uma varredura visual no piso principal. Talvez tivesse sido um ponto quente no século passado, mas agora estava abandonado. Ela podia ver onde alguns dos trabalhos tinham começado. Partes das paredes encardidas haviam sido arrancadas até seus interiores para revelar a fiação elétrica antiga e certamente fora do código. Luzes portáteis e unidades de aquecimento foram colocadas, bem como montes de materiais em pilhas arrumadas e organizadas.

Mas os panos de forro, o material e as luzes tinham uma camada de poeira. Talvez Hopkins tenha começado a sua reforma, mas parecia como se tivesse havido um longo atraso desde que a última pistola de pregos estalou. Os restos de um antigo bar estavam no centro da sala. Como foi coberto com um pano de proteção mais empoeirado, ela assumiu que Hopkins tinha a intenção de restaurá-lo para o que quer que sua antiga glória poderia ter sido.

Ela verificou a porta de saída traseira, achando-a muito bem trancada por dentro. Através de uma outra porta ela encontrou o que poderia ter sido um depósito algum dia, e agora era um amontoado de lixo. As duas janelas eram grandes o suficiente para que um gato se espremesse através dela, e estavam trancadas desajeitadamente.

As instalações sanitárias no nível principal eram atualmente boxes, sem acesso externo.

— Tudo bem, a não ser que você ainda esteja aqui, esperando por mim para algemá-lo e ler seus direitos, você encontrou um caminho para entrar e para sair.

Ela olhou para o antigo elevador; optou pela escada de ferro fina.

Os peritos iriam ter um trabalhão para encontrar impressões utilizáveis ou evidências físicas, ela pensou. Havia décadas de poeira, sujeira, consideráveis danos causados pela água, o que parecia ser um velho chamuscado de um incêndio.

Ela gravou e marcou algumas pegadas borradas no chão sujo.

Frio, ela pensou. *É frio pra caramba aqui.*

Ela se moveu ao longo do segundo andar, imaginando-o cheio de mesas e pessoas durante o seu apogeu. Música bombeando e estourando tímpanos, as drogas da moda da época passando ao redor como lembrancinhas. As grades de segurança de cromo teriam sido polidas para brilharem, piscando com as cores selvagens das luzes.

Ela permaneceu ali por um momento, olhando para baixo enquanto os legistas ensacavam o corpo. Boa vista de lá, ela meditou. Vê o que você quer ver. Pessoas se acotovelando abaixo, suando e girando na pista de dança e esperando que alguém estivesse olhando.

Para que você veio aqui esta noite, Hopkins? Você veio dar uma olhada no lugar antes de seu cérebro ser destruído? Ou você simplesmente saiu

para caminhar?

Ela encontrou a saída em uma janela do segundo andar, destrancada e parcialmente aberta, com as escadas de emergência posicionadas nela.

— Chega de mistério. O suspeito provavelmente saiu do prédio — afirmou para o registro, — a partir deste ponto. Os peritos irão vistoriar as janelas, as escadas e as áreas circundantes procurando impressões e outras evidências. E ora, ora. — Ela se agachou e brilhou sua lanterna na borda da janela. — Tem um pouco de sangue, provavelmente da vítima. O suspeito pode ter tido alguns respingos, ou transferiu um pouco de sangue em suas roupas quando ele se moveu para dar o tiro na cabeça.

Franzindo a testa, ela brilhou a luz ainda mais para baixo, para o chão, onde algo brilhava. — Parece uma joia. Ou.. humm. Algum tipo de decoração de cabelo — ela emendou quando ela levantou-o com uma pinça.

— Isso se parece com diamantes para mim, em algum tipo de grampo. Cerca de um centímetro de largura, talvez cinco centímetros de comprimento. Sem poeira sobre ele, as pedras estão limpas e claras no que eu acho que seja uma montagem de platina. Parece antigo.

Ela o ensacou.

Ela virou a cabeça de volta para baixo, em seguida, pensou ter ouvido o chão em cima ranger. Prédios antigos, recordou-se, mas tirou sua arma.

Ela moveu-se para a parede de trás, que tinha parcialmente cedido, e as

velhas escadas de metal por trás dela.

O som veio de novo, apenas um pequeno rangido furtivo. Por um momento ela pensou ter ouvido uma voz de mulher, grossa e gutural, cantando sobre um coração sangrando.

No topo da escada os pisos tinham sido esfregados e limpos. Eles estavam cheios de marcas e chamuscados, mas a poeira não estava sobre eles. Havia fumaça velha e danos por fogo em algumas das paredes interiores, mas ela podia ver que a área tinha sido transformada em um grande apartamento, e que poderia ter sido um escritório.

Ela o varreu, com a lanterna e uma arma, mas não viu nada além de entulhos. O único som era agora da inspiração e expiração constante de sua própria respiração, que saía em verdadeiras nuvens.

Se o aquecedor estava elevado, por que diabos estava muito mais frio aqui em cima? Ela moveu-se através da abertura sem porta à esquerda para fazer uma busca completa.

Os pisos estão muito limpos, ela pensou. E não havia nenhum entulho aqui como havia na outra sala menor, sem pichações desbotadas decorando as paredes. Eve inclinou a cabeça para o grande buraco na parede no canto direito. Era como se ele tivesse sido medido e cortado, ordenadamente, como uma porta.

Ela atravessou a sala para brilhar a sua lanterna na escuridão.

O esqueleto parecia em repouso. No centro da testa do crânio havia um pequeno orifício, quase um buraco limpo.

Em seus dedos amarelados em forma de concha havia o companheiro reluzente do grampo de diamante. E perto dele havia o brilho de cromo de uma semiautomática.

— Seu filho da puta — Eve murmurou, e tirou seu comunicador para chamar Peabody.

CAPÍTULO DOIS

ela. Tem que ser ela.

— A esposa morta do antepassado da vítima atual. —

—É Eve passou através da cena do crime gelada para a casa da vítima.

— Ou amante. Eu não tenho certeza se eles eram realmente casados, agora que penso nisso. Vou verificar — Peabody acrescentou, fazendo uma anotação em seu caderno de notas. — Mas aqui está o que deve ter ocorrido: Hopkins, o primeiro, mata Bobbie, em seguida, faz uma parede de tijolos, onde coloca o corpo, no apartamento que ele usava sobre o clube.

— E os policiais no momento não perceberam que havia uma nova parede de tijolos no apartamento?

— Talvez eles não olharam muito bem. Hopkins tinha um monte de dinheiro, e um rio de substâncias ilegais. Uma grande quantidade de

conexões e, provavelmente, uma grande quantidade de informações que certas altas conexões não gostariam que se tornassem públicas.

— Ele subornou a investigação. — Se isso aconteceu 85 anos atrás ou ontem, o cheiro de maus policiais ofendeu os sentidos de Eve. Mas... — Não é impossível — ela teve que admitir. — Se essa é a esposa/namorada desaparecida, pode ser que ela não foi dada como desaparecida até que ele tinha tudo razoavelmente arranjado. Então você faz o seu suborno, ou chantagem clássica com os investigadores, e está limpo.

— Ele devia ser meio louco. Caraca, Dallas, ele basicamente trancou-se ali naquele lugar por mais de 10 anos, com um corpo atrás da parede.

— Pode ser. Vamos descobrir a época e identificar de quem são os ossos antes de saltar até aí. Os caras na cena do crime estavam todos chorando de alegria sobre esses ossos. Enquanto eles estão tendo a sua diversão, temos um caso ativo deste século.

— Mas você está curiosa, certo? Você tem que estar se perguntando se nós acabamos de encontrar Bobbie Bray. E seus grampos de cabelo. Isso é assustador ou não é?

— Não há nada de assustador sobre um assassino plantá-los. Ele queria que nós encontrássemos os ossos, isso é um dado certo. E então ligando os pontos, o esqueleto e nossa vítima estão ligados, pelo menos na mente do assassino. O que temos sobre Hopkins até agora?

— A vítima tinha sessenta e dois anos. Três casamentos, três divórcios. Apenas um filho do segundo casamento — Peabody leu em seu bloco de notas. — Voou de ida e volta entre Nova York e Nova LA com duas passagens na Europa. Está no campo do entretenimento, principalmente decoração. Não parece ter o dom de seu avô. Os pais morreram em um acidente de um avião particular 25 anos atrás. Nenhum irmão.

Peabody olhou para cima. — A linhagem Hopkins não vai em direção a longevidade e propagação. Parte da maldição.

— Parte das práticas de controle de natalidade e sorte ruim — Eve corrigiu. — O que mais de *importante* que nós temos?

— Você tem que estar curiosa — Peabody continuou. — Quero dizer, Hopkins número dois foi casado quatro vezes. Quatro. Teve apenas um filho sobrevivente, ou sobrevivente até agora. Ele teve uma filha de outro casamento, que morreu afogada quando ela era adolescente, e um outro filho, também em outro casamento, que se enforcou quando tinha vinte e três anos. Esse é o tipo de má sorte consistente que diz maldição para mim.

— Isso diz que são dados bastante irrelevantes para mim. Me dê algo sobre a nossa vítima.

— Ok, ok. Rad Hopkins ficou com uma grande parte do dinheiro que seu pai conseguiu recuperar, que era mais do que ele tinha herdado de sua mãe, uma socialite com alguns vestígios de sangue azul. Ele teve algumas

sujeiras menores por práticas de negócios ilegais e aliciamento na área cinza. Não cumpriu sentença. Oh, não tem licença de colecionador de armas de fogo. — Onde estão as ex-mulheres?

— A número um mora em Nova LA e é atriz de filmes B. Bem, B-menos, na verdade. A número três mora na Europa, casada com algum aristocrata Inglês. Mas a número dois está aqui em Nova York. Fanny Gill, instrutora de dança. É mãe de Cliff Gill Hopkins, embora ele tirou o Hopkins legalmente aos vinte e um anos. Eles gerenciam um estúdio de dança.

— Nova York é um lugar fácil para chegar e sair. Vamos interrogar todos. Parceiros de negócios?

— Nenhum atualmente. Ele teve uns problemas com alguns deles, ocasionalmente. Mas ele era o único proprietário do Número Doze Produções, que tem o mesmo endereço que a sua residência. Ele comprou o prédio em que ele morreu no leilão cerca de seis meses atrás.

— Não há muito trabalho feito nesses seis meses.

— Eu liguei a empresa de construção a partir do nome da licença de construção. O proprietário me disse que foram cancelados depois de três semanas. Ele acha que Hopkins ficou sem dinheiro, e tentou conseguir alguns investidores. Mas ele disse que recebeu uma ligação da vítima há poucos dias, querendo os horários de trabalho para começar de novo.

— Então, talvez ele tinha algum dinheiro, ou descolou algum tipo de

negócio.

Ela achou maravilhoso que a localização ficava a meia quadra do prédio de Hopkins.

— Residências decentes — Eve observou. — Acessórios extravagantes e antigos nos pulsos, carteiras de designer, sapatos caros. Não dá a aparência de estar sofrendo financeiramente.

Ela lançou seu distintivo para o porteiro. — Hopkins — disse ela. — Radcliff C.

— Vou telefonar para cima e informá-lo que você gostaria de falar com ele. — Não se incomode. Ele está no necrotério. Quando foi a última vez que você o viu?

— Morto? — O porteiro, um homem baixo, atarracado e mestiço de cerca de quarenta anos, olhou para Eve quando seu queixo caiu. — O Sr. Hopkins está morto? Foi um acidente?

— Sim, ele está morto. Não, não foi um acidente. Quando foi a última vez que o viu?

— Ontem. Ele saiu cerca de doze e trinta da tarde, voltou por volta das duas. Eu fiquei fora de serviço às quatro. Meu substituto fica até à meia-noite. Fica sem porteiro de meia-noite às oito.

— Alguém veio vê-lo?

— Ninguém se apresentou para mim. O edifício é seguro. São

necessárias senhas para os elevadores. O apartamento do Sr. Hopkins é no sexto andar. — O porteiro balançou a cabeça e passou a mão enluvada sobre as costas de seu pescoço. — Morto. Eu simplesmente não posso acreditar nisso.

— Ele morava sozinho?

— Ele morava, sim.

— Se divertia muito?

— Às vezes.

— Se divertia a noite toda? Vamos lá, Cleeve — Eve solicitou, olhando seu nome no crachá de bronze. — O cara está morto.

— Às vezes — ele repetiu e inflou suas bochechas. — Ele, ah, gostava de variedade, então eu não poderia dizer que havia alguma mulher em particular. Ele também gostava delas jovens.

— Quão jovens?

— Vinte e poucos anos, principalmente, pela minha avaliação. Eu não notei ninguém o visitando nas duas últimas semanas. Ele esteve chegando e saindo quase todos os dias. Reuniões, eu presumo, do clube que ele está abrindo. Estava abrindo.

— Ok, é o suficiente. Nós vamos subir.

— Eu vou liberar o código para vocês. — Cleeve segurou a porta para elas, então caminhou para o primeiro de dois elevadores. Ele passou sua

senha através da ranhura, então digitou seu código. — Eu sinto muito em ouvir sobre o Sr. Hopkins — ele disse enquanto as portas se abriam. — Ele nunca me deu nenhum problema.

— Não é um mau epitáfio — Eve decidiu quando o elevador dirigiu-se até o sexto andar.

O apartamento era de nível único, mas espaçoso. Particularmente já que estava quase vazio de mobiliário. Havia uma cadeira de descanso na sala de estar, de frente para uma tela de parede. Havia uma infinidade de produtos eletrônicos de alta tecnologia e várias caixas de discos de entretenimento. Todo o espaço era aberto com uma parede de vidro que separava a área de dormir.

— Havia arte nas paredes — Eve observou. — Você pode ver os quadrados e retângulos de pinturas mais escuros onde elas devem ter estado penduradas. Provavelmente as vendeu para obter algum capital para o seu projeto.

Uma segunda sala foi arranjada como um escritório, e pelo estado dele, Eve julgou que Hopkins não tinha sido um empresário arrumado e organizado. A mesa estava empilhada com anotações rabiscadas, esboços, cubos de memorando, copos de café e pratos de refeições.

A gravação do *tele-link* da mesa estava carregada com conversas com o recentemente falecido lançando seu projeto a potenciais financiadores ou

organizando reuniões onde ela supôs que ele teria ido.

— Vamos pedir que a DDE analise todos os dados e comunicação. —

A Divisão de Detecção Eletrônica poderia vasculhar as transmissões e os dados mais rápido e eficiente do que ela. — Não parece que ele estava se entretendo aqui recentemente, o que está de acordo com a declaração de nosso porteiro. Nada pessoal nos últimos dias em seu *tele-link* de casa. É tudo sobre dinheiro.

Ela caminhou pelo apartamento. O cara não estava vivendo ali, estava mais para sobrevivendo. Vendendo as coisas dele, lutando por capital. — O motivo não é apenas dinheiro, no entanto. Ele não poderia ter tido o suficiente para isso. O motivo é emocional. É pessoal. Matá-lo onde os ossos amarelados da vítima anterior estão ocultos. Proposital. O edifício foi leiloado há seis meses? Privado ou público?

— Eu posso verificar — Peabody falou.

— Eu tenho uma fonte mais rápida.

Parecia-lhe que o cara que ela tinha casado estava sempre em movimento, a caminho ou voltando de alguma reunião. Porém, ele parecia gostar delas. Das de todos os tipos.

E ela teve que admitir que quando seu rosto encheu sua tela, houve um impulso de um pensamento: *meu.*

— Pergunta rápida — ela começou. — Número Doze. Algum detalhe

sobre o seu leilão?

Suas sobrancelhas escuras levantaram ao longo dos seus intensos olhos azuis. — Comprado muito barato, e provavelmente vai passar a ter um canto fúnebre. Ou será que já tem? — Roarke perguntou a ela.

— Você é rápido também. Sim, o atual proprietário está no necrotério.

Ele o conseguiu muito barato?

— Os proprietários anteriores o tinham no mercado há vários anos, e colocaram em leilão público há alguns meses após o último incêndio.

— Incêndio?

— Houveram vários. Inexplicável — ele acrescentou com aquela cadência irlandesa em sua voz. — Hopkins, não foi? Descendente da infâmia.

Como ele foi morto?

— Smith e Wesson de nove milímetros.

Surpresa passou através de seu rosto extraordinário. — Vejam só. Isso não é interessante? Se você recuperar a arma, eu fico com ela.

— Sim, pode deixar. Falamos sobre isso mais tarde. O leilão, você sabia sobre ele, certo?

— Sabia. Foi bem divulgado por várias semanas. Um edifício com aquela história gera considerável atenção da mídia também.

— Sim, foi isso que eu imaginei. Se era uma pechincha, por que você não tentou adicioná-lo ao seu megaimpério?

— É assombrado. Amaldiçoado.

— Sim, claro. — Ela bufou uma risada, mas ele apenas continuou a olhar para a tela. — Tudo bem, obrigada. Vejo você mais tarde.

— Você certamente verá.

— Você não podia simplesmente ouvi-lo? — Peabody soltou um suspiro. — Quer dizer, você não podia simplesmente fechar os olhos e ouvir?

— Sai dessa, Peabody. O assassino de Hopkins tinha que saber que o prédio estava à venda. Talvez ele deu um lance nele, talvez não. Ele não agiu contra os proprietários anteriores, mas esperou por Hopkins. Voltamos ao pessoal. Atraí-lo, matá-lo, deixar a arma e os grampos de cabelo com o esqueleto atrás do tijolo. Fazendo um comunicado.

Peabody deixou escapar um suspiro. — Este lugar não faz muita comunicação, pessoal ou de outra forma.

— Vamos nos lançar sobre isso de qualquer maneira. Então vamos dançar.

* * *

A Escola de Dança Gill era no terceiro andar de um edifício pós-Guerras Urbanas no West Side. Ele ostentava uma grande sala com eco e com uma parede espelhada, uma barra, um amontoado de cadeiras e uma tela decorativa que dividia um balcão pequeno.

O espaço cheirava a suor fortemente encoberto com purificadores de ar

floral.

A própria Fanny Gill era magra como uma enguia, com um rosto duro e desconfiado e um monte de cabelo loiro brilhante amarrado com um lenço vermelho. Seu rosto espremido ficava ainda mais apertado enquanto ela colocava sua pequena bunda em cima da mesa.

— Então, alguém matou o rato bastardo. Quando é o funeral? Eu tenho um vestido vermelho que eu tenho guardado para uma ocasião especial.

— Nenhum amor perdido, Srta. Gill?

— Oh, nada foi perdido, querida. Meu menino lá fora? — Ela empurrou um queixo em direção à tela. Do outro lado, um homem em um macacão de lycra sem mangas estava gritando o tempo e os passos para um grupo de bailarinas com a aparência suja. — Ele é a única coisa decente que eu ganhei de Rad o Malvado. Eu tinha vinte e dois anos de idade, nova e verde como a ponta de um iceberg.

Ela não suspirou tanto como bufou, como se quisesse sinalizar que esses verdes anos da juventude tinham acabado há muito tempo.

— Eu obviamente tive uma queda por ele. Ele tinha estirpe, aquele filho da puta, ele tinha estilo. Casei, engravidei. Tinha um pouco de dinheiro, cerca de vinte mil? Ele o pegou, o investiu. — Seus lábios achataram em uma fina linha vermelha. — Perdeu tudo, cada dólar. Sempre atrás do grande negócio, do grande momento. Papo furado. Me traiu também. Mas

eu fiquei com ele, quase dez anos, porque eu queria que meu filho tivesse um pai. Finalmente descobri que era melhor não ter nenhum pai do que ter um ruim. Me divorciei dele, contratei a porra de um advogado canalha, desculpem a linguagem.

— Sem problemas. Policiais ouvem palavras como *advogado* o tempo todo.

Fanny soltou uma gargalhada, então pareceu relaxar. — Não havia muito para conseguir, mas eu peguei a minha parte. O suficiente para começar este lugar. E você sabia que aquele filho da puta tentou me pedir um empréstimo? Disse que era um investimento de negócios, é claro. Uns dois meses atrás. Nunca mudou.

— Este investimento de negócios tinha relação com o Número Doze?

— Sim, isso mesmo. Como se eu tivesse alguma coisa a ver com aquele lugar ou com Rad.

— Você poderia nos dizer onde estava na noite passada, Srta. Gill? De meia-noite até às três?

— Na cama, dormindo. Eu dou minha primeira aula às sete da manhã.

— Ela fungou, parecendo mais divertida que ofendida ao ser considerada suspeita de um homicídio. — Ei, se eu quisesse matar Rad, eu teria feito isso há vinte anos. Você vai perguntar ao meu menino, também, não é?

— É rotina.

Fanny assentiu. — Eu durmo sozinha, mas ele não.

* * *

— Morto? Assassinado? — Cliff abaixou a toalha que ele tinha usado para secar o rosto úmido. — Como? Quando?

— No início desta manhã. A forma como aconteceu é confidencial até o momento. Você pode nos dar o seu paradeiro entre meia-noite e três horas?

— Chegamos em casa cerca de uma hora. Saímos com uns amigos. Hum. . me dê um segundo. — Ele pegou uma garrafa de água, olhou para ela e, em seguida, bebeu. Ele era um cara de trinta anos bem constituído, com cabelos louros cacheados até a metade das costas. — Lars Gavin, meu colega de quarto. Nós conhecemos alguns amigos no Aquiles. Um clube na parte alta da cidade. Fomos para a cama logo depois que chegamos em casa, e eu levantei por volta das sete, sete e meia. Desculpe, eu acho que eu quero me sentar.

— Nós vamos precisar de nomes e informações de contato das pessoas com quem vocês estavam, e um número onde possamos entrar em contato com seu colega de quarto.

— Sim, claro. Ok. Como? Como isso aconteceu? — Ele levantou os olhos aturdidos para Eve. — Ele foi assaltado?

— Não. Eu não sou capaz de lhe dar muitos detalhes neste momento.

Quando foi a última vez que teve contato com o seu pai?

— Uns dois meses atrás. Ele veio tentar pedir a minha mãe algum dinheiro. Como se isso fosse acontecer. — Cliff conseguiu dar um meio sorriso, mas vacilou. — Então ele veio até mim. Eu dei-lhe quinhentos. Ele olhou para onde Fanny estava conduzindo outro grupo através de exercícios de barra. — Minha mãe vai me esfolar se ela descobrir, mas eu dei a ele os quinhentos.

— Essa não é a primeira vez que você deu dinheiro a ele — Eve deduziu.

— Não. Eu dei a ele algumas centenas de vez em quando. Ele se mantinha longe da minha mãe, e nós íamos bem por aqui. Na escola, eu quero dizer. Estamos muito bem. E Lars, ele entende.

— Mas desta vez ele foi até a sua mãe primeiro.

— Ele foi até ela antes que eu pudesse colocá-lo para fora. Por enfurecê-la, sabe? Ele achou que poderia ter uma conversa mole e convencê-la a aceitar um bom pedaço deste investimento. Um negócio para ficar rico, sempre um negócio. — Agora Cliff esfregou as mãos sobre o rosto.

— Eles brigaram por causa disso? — Eve perguntou.

— Não. Minha mãe cansou de brigar com ele. Ela cansou há muito tempo. E o meu pai, ele não discute. Ele. . ele adula. Basicamente, ela lhe disse para passar por aqui novamente quando o inferno congelasse. Então,

ele veio até mim, às escondidas, e pegou os quinhentos. Ele disse que ia entrar em contato quando o negócio estivesse rolando, mas era apenas outra mentira. Não importava. Eram apenas quinhentos. Eu não sei o que sentir. Eu não sei como eu deveria me sentir.

— Nem eu posso lhe dizer como se sentir também, Sr. Gill. Por que você removeu o Hopkins de seu nome legal?

— Por este lugar, a Escola de Dança Gill. Pela minha mãe. — Ele levantou seu ombro, parecendo um pouco envergonhado. — E, bem, ele é um representante. Hopkins. Traz apenas má sorte.

CAPÍTULO TRÊS

ve não ficou surpresa que o doutor Morris tinha pegado Hopkins. Múltiplos ferimentos de bala deviam ser como uma música e dança E alegre para um médico legista. Uma mudança interessante no ritmo dos esfaqueamentos, pancadas, estrangulamentos e overdoses.

Morris, resplandecente em um terno em tons de bronze sob a sua capa protetora transparente, seu longo cabelo escuro em um rabo de cavalo brilhante, se deteve sobre o corpo com um sorriso radiante para Eve.

— Você me envia as coisas mais interessantes.

— Nós fazemos o que podemos — disse Eve. — O que você pode me dizer que eu já não saiba?

— Os membros de uma família da mosca da fruta são chamados pavões

porque pavoneiam na fruta.

— Hum. Vou arquivar essa. Vamos ser mais específicos. O que você pode me dizer sobre o nosso cara morto?

— As primeiras quatro feridas, no peito, e o ferimento na perna, a quinta, poderiam ter sido reparadas com a intervenção médica oportuna. A próxima atravessou a coluna, a sétima danificou o rim. A número oito foi um ferimento leve, em uma parte do músculo do ombro. Mas ele estava morto até então. O último, o contato próximo, entrou no cérebro, que já estava sem operação.

Ele apontou para a tela na parede, e abriu um programa. — As primeiras balas entraram em um ângulo de nível próximo. — Morris continuou enquanto as ilustrações apareciam na tela. — Está vendo, o computador sugeriu, e eu concordo, que o assaltante disparou quatro vezes, rapidamente, atingindo a massa corporal. A vítima caiu após o quarto tiro.

Eve estudou a encenação como Morris fez, observando a ilustração da vítima levando os dois primeiros tiros de pé, nos dois próximos ele estava ligeiramente curvado para a frente, no início de uma queda.

— Cara grande — Peabody comentou. — Tropeça para trás um pouco, mas se mantém de pé nos dois primeiros tiros. Eu só vi vídeos de formação e de entretenimento com mortes por armas de fogo — ela acrescentou. — Eu teria pensado que o primeiro tiro o teria derrubado.

— Seu tamanho, o choque do impacto — disse Morris, — e a rapidez do tiro teria contribuído para o atraso em sua queda. Além disso, a partir dos ângulos pelos quais as balas entraram no corpo, é provável que ele cambaleou para trás, em seguida, caiu para a frente um pouco, depois caiu de joelhos, aparando com as mãos para diminuir o impacto da queda.

Ele virou-se para Eve. — Seu relatório indicou que o padrão de sangue mostra que a vítima tentou se arrastar ou se impulsionar para longe através do chão.

— Isso mesmo.

— Quando ele o fez, o assaltante o seguiu, disparando para baixo, de acordo com o ângulo dos ferimentos nas costas, perna e ombro.

Com os olhos apertados agora, Eve estudou o replay gerado pelo computador. — Perseguindo ele, disparando enquanto ele está no chão. Sangrando, rastejando. Você nunca disparou uma arma, Morris?

— Na verdade, não.

— Eu já — ela continuou. — É uma sensação interessante na sua mão. Você dá um pequeno recuo quando ela é disparada. Faz você se sentir parte dela, aquela sacudidela. Funciona através de você. Eu estou apostando que o assassino estava animado com isso. O abalo, o *estrondo*! Você tem que estar animado para colocar mais balas contra um cara que está rastejando para longe, deixando seu sangue manchado no chão.

— As pessoas sempre encontram formas criativas e feias para matar.

Eu teria dito que usar uma arma torna a matança menos pessoal. Mas não vejo isso neste caso.

Ela assentiu com a cabeça. — Sim, isso era pessoal, quase íntimo. O nono tiro em particular.

— Para dar o tiro na cabeça da vítima, que como você disse tinha um peso considerável, ela teve de ser empurrada ou rolada. Nesse momento, a arma foi pressionada na testa. Não há apenas queimaduras e resíduos, mas também uma contusão circular. Quando eu for capaz de comparar, eu estou apostando que corresponde às dimensões do cano da arma. O assassino pressionou a arma na testa antes de ele disparar.

— Veja se você gosta *disso*, seu filho da puta — Eve murmurou.

— Sim, é verdade. Além de ser crivado de balas, a vítima estava com uma saúde razoavelmente boa, apesar de ser cerca de vinte quilos acima do peso. Ele pintou o cabelo, fez redução de olheiras e queixo nos últimos cinco anos. Ele tinha comido cerca de duas horas antes da morte. Batatas chips de soja, picles azedos, queijo processado, regado com cerveja nacional.

— As balas?

— A caminho do laboratório. Eu as analisei em meu sistema em primeiro lugar. Nove milímetros. — Morris mudou o programa para que as imagens das balas gastas que ele tinha recuperado aparecessem na tela.

— Cara, elas fizeram um baita estrago, não é?

— Não se deram ao trabalho de poupar músculo, osso e órgão. A vítima não tinha nenhum resíduo de pólvora em suas mãos, não há feridas defensivas. Há uma contusão no joelho esquerdo, que teria sido causada quando ele caiu. Bem como algumas raspagens em ambas as mãos, de forma compatível com a queda na superfície do chão.

— Então ele não revidou, ou teve a chance de revidar. Não se afastou.

— Ela inclinou seu próprio corpo como se estivesse se preparando para o voo. — Não há indicação de que ele tentou correr quando e se ele viu a arma.

— Isso não é o que seu corpo me diz.

Também não era o que ele tinha dito a ela na cena do crime.

— Um cara não costuma lanchar batatas chips e picles se ele está nervoso ou preocupado — Peabody interpõe. — O programa de sua unidade de entretenimento mostrou que ele viu pela última vez um vídeo pornô leve quase perto da hora que ele teria a reunião. Este encontro não o fez suar.

— Era alguém que ele conhecia e imaginava que poderia lidar — Eve concordou. Ela olhou para o corpo novamente. — Acho que ele estava errado sobre isso.

— Número Doze — Morris disse quando Eve virou para ir embora.

— Isso mesmo.

— Então, a lenda de Bobbie Bray chega ao fim.

— Essa seria a mulher desaparecida, presumivelmente morta.

— É sim. Uma criatura linda, Bobbie, com a voz de um anjo atormentado.

— Se você se lembra de Bobbie Bray, você está muito bem para a sua idade, Morris.

Ele mostrou seu sorriso novamente. — Existem milhares de sites dedicados a ela e um culto substancial de seguidores. Uma mulher bonita com sua estrela apenas começando a subir desaparece. Puf! É claro que os avistamentos dela continuaram décadas depois. E falam que seu fantasma assombra o Número Doze até hoje. Pontos frios, aparições, música vindo do ar. Você não viu nada disso?

Eve pensou no trecho da canção, no frio profundo. — O que eu vi, potencialmente, foram seus ossos. Eles são bastante reais.

— Eu vou estar trabalhando com eles com o antropólogo forense no laboratório. — O sorriso de Morris ficou ensolarado. — Mal posso esperar para colocar minhas mãos sobre ela.

*** * ***

De volta a Central, Eve se sentou em seu escritório para reconstruir o último dia de Hopkins. Ela verificou sua reunião de almoço com dois mandachuvas locais que estavam ambos inventando um álibi para o período em questão. Uma verificação mais profunda de sua situação financeira

mostrou uma renda esporádica ao longo do ano passado a partir de uma loja chamada Bygones, com o último depósito em meados de dezembro.

— Ainda no regime de esquemas, Rad. Como diabos você ia pagar a reforma? Esperando um golpe de sorte, talvez? O que você deveria levar ao Número Doze na noite passada?

Ele recebeu a chamada no *tele-link*, ela meditou. *Deliberadamente assustador. Mas ele não entra em pânico. Senta, faz um lanche, assiste algum pornô leve.*

Ela sentou-se em sua mesa, fechou os olhos. O disco de segurança do prédio de Hopkins mostrou ele saindo às 1:35. Sozinho. Parecia que ele estava assobiando uma música, Eve lembrou. Sem preocupação nenhuma. Sem carregar nada. Nem pasta, nem pacote, nem sacola.

— Ei.

Eve abriu os olhos e olhou para Feeney. O capitão da DDE estava confortavelmente amarrotado, o cabelo cor de gengibre em torno de seu rosto com aspecto derrotado. — O que você tem para mim?

— Mais do que você tem — ele disse e entrou no escritório. — Número Doze.

— Nossa, por que todo mundo fica dizendo isso? Como se fosse o seu próprio país.

— Praticamente é. Hop Hopkins, Bobbie Bray, Andy Warhol, Mick Jagger. — Por um momento, Feeney parecia um devoto em um altar sagrado. — Cristo, Dallas, que lugar que deve ter sido quando ele ainda estava funcionando.

— É um lixo agora.

— Amaldiçoado — ele disse, tão casualmente que ela pestanejou.

— Caraca. Você está falando sério?

— Como um jantar de bife. Encontrou ossos emparedados, não é? Um corpo, uma arma antiga, diamantes. Materiais de onde as lendas são feitas. E fica ainda melhor.

— É?

Ele levantou um disco. — Analisei a última transmissão recebida pela sua vítima e pelo 911 e fiz uma comparação vocal. É a mesma voz em ambas. Adivinha quem é?

— Bobbie Bray.

— É. — Na verdade, ele fez beicinho.

— Faz sentido. O assassino fez o negócio gerado por computador, utilizando a voz de Bray, provavelmente montado a partir de antigas entrevistas na mídia e tal. A menos que você esteja achando que a voz veio, você sabe, além do túmulo.

Ele fez cara de indiferente. — Eu estou mantendo uma mente aberta.

— Você faz isso. Você foi capaz de desenterrar algumas transmissões antigas?

Ele ergueu um segundo disco. — Desenterrei umas das duas últimas semanas. Você vai encontrar um monte de propina. O cara estava trabalhando, tentando conseguir algum financiamento. Até mesmo dos aparelhos domésticos. Algumas chamadas para pedir comida, alguns serviços de acompanhantes licenciadas. Mais algumas de um lugar chamado Bygones.

— Sim, eu vou verificar isso. Parece que ele estava vendendo suas coisas.

— Sabe, ele provavelmente tinha alguma arte original da era de seu avô. Pôsteres de música, fotografias, recordações.

Considerando isso, Eve inclinou a cabeça. — O suficiente para comprar o Número Doze, e então financiar a reforma?

— Nunca se sabe o que as pessoas vão pagar. Tem alguém suspeito?

— Conversei com uma de suas ex, e um filho. Eles não pareceram suspeitos para mim, mas estou mantendo a mente aberta. Vasculhei alguns parceiros de negócios, os potenciais financiadores, outras ex. Nenhuma namorada atual, ou recentemente dispensada, que eu consiga encontrar. O fato é, o cara dá a impressão de ser um pouco desprezível, um pouco evasivo, mas na maior parte inofensivo. Um fracassado que falava demais. Não tenho

nenhum motivo, neste ponto, exceto um misterioso algo que ele pode ou não ter levado com ele para o Número Doze.

Ela recuou. — Cara grande. Ele era um cara grande. Fácil para uma mulher derrubá-lo, se ela tem acesso a uma arma e razoável conhecimento de como ela funciona. A segunda ex-mulher é do tipo que guarda rancor, daí a minha mente aberta. Peabody está tentando identificar a arma.

* * *

— O problema é — Peabody disse a ela, — que é muito antiga. Cem anos atrás, um revólver não tinha que ser registrado na compra, não em todos os estados, e dependendo de como ela foi comprada. Esta é definitivamente da era Hop Hopkins/Bobbie Bray. Eles suspenderam este modelo na década de oitenta. Eu tenho a lista de proprietários com licenças de colecionador no estado de Nova York que possui essa marca e modelo, mas. .

— Não vai dar em nada. Não quando ela foi deliberadamente plantada na cena. O assassino queria que fosse encontrada e identificada. O laboratório está analisando-a, devemos saber amanhã se a mesma arma foi usada para matar Hopkins e nossa convidada surpresa.

Ela pensou por um momento, em seguida, afastou-se de sua mesa. — Ok, eu estou indo dar uma passada no laboratório para dar-lhes um pequeno chute na bunda.

— É sempre divertido.

— Sim, eu faço a minha própria diversão. Depois, vou dar uma volta por uns lugares de objetos para colecionadores, para dar uma sondada. É na parte alta da cidade, por isso vou trabalhar em casa depois. Eu estou com a lista de transmissões de Feeney. Você quer dar uma olhada nisso? Conferir as chamadas, quem fez as ligações?

— Eu vou cair dentro.

*** * ***

Dick Berenski, o técnico-chefe do laboratório, era conhecido como *Cabeção* por um bom motivo. Mas além de ser um, ele também era um gênio em seu campo. Geralmente, Eve manipulava ele com subornos, insultos ou ameaças definitivas. Mas com seu caso atual, nenhum era necessário.

— Dallas! — Ele quase cantou seu nome.

— Não sorria para mim assim. — Ela deu um pequeno estremecimento. — É assustador.

— Você me trouxe não uma, mas duas belezas. Eu vou estar escrevendo isso tudo para revistas especializadas e ser *o cara* nos próximos malditos dez anos.

— Apenas me diga o que você tem.

Ele sentou em seu banquinho, e bateu os dedos longos e magros sobre uma tela de computador. Ele continuou a sorrir de forma estranha com sua

cabeça em forma de ovo.

— Tenho o meu cara dos ossos trabalhando com Morris comigo comandando o show. Você tem aqui um corpo do sexo feminino, na faixa etária entre vinte e vinte e cinco anos. Bobbie Bray tinha vinte ou vinte e três anos quando ela sumiu. Caucasiana, um metro e sessenta e cinco de altura, cerca de cinquenta e dois quilos, mesma altura e peso de Bobbie na época do seu desaparecimento. Tíbia quebrada aproximadamente aos doze anos de idade. Curou-se bem. Vamos ver se podemos acessar todos os registros médicos sobre Bobbie para coincidir com a quebra do osso. Tenho o meu escultor forense trabalhando no rosto. Bobbie Bray, filho da puta.

— Outro fã.

— É isso aí. Aquela saia era *quente*. Causa da morte, único ferimento de bala na testa. A bala recuperada de dentro do crânio corresponde ao calibre usado em sua outra vítima. A balística confirmou que ambas foram disparadas da arma recuperada na cena. Mesma arma usada, cerca de 85 anos de intervalo. É lindo.

— Eu aposto que o assassino pensa assim também.

O sarcasmo sobrevoou Cabeção como uma nuvem branca inchada em um céu azul ensolarado. — A arma foi limpa e lubrificada. Foi realmente lustrada. Mas. .

Ele sorriu novamente, teclando de novo. — O que estamos vendo aqui

é poeira. Pó de tijolo, poeira de gesso de parede. Amostras que os peritos pegaram na cena de crime secundária. E aqui? Vestígios de pó encontrados no interior da arma. Combinação perfeita.

— Indicando que a arma estava emparedada com o corpo.

— Acho que Bobbie se cansou de assombrar o local e decidiu tomar um papel mais ativo.

E isso, Eve determinou, não era uma justificava nem para o sarcasmo nem para uma resposta. — Mande os relatórios para os meus computadores da minha casa e do escritório, e mande cópias para Peabody. Se seu escultor conseguir uma imagem, eu quero vê-la.

Ela saiu, puxando para fora seu *tele-link*, uma vez que ele tocou. — Dallas.

— Prendeu alguns fantasmas ultimamente?

— Não. Nem estou planejando isso. Por que você não está em uma reunião sobre a dominação do mundo?

— Acabei de sair — Roarke disse a ela. — A minha curiosidade esteve me beliscando o dia todo. Alguma pista?

— Pista pode ser uma palavra forte. Tenho suspeitas. Eu estou indo para uma agora. A vítima estava vendendo suas coisas, coisas antigas da cultura popular, eu suponho, em algum lugar na parte alta da cidade. Eu vou dar uma olhada.

— Qual é o endereço?

— Por quê?

— Eu vou encontrá-la. Eu serei o seu consultor especialista em antiguidades e cultura popular. Você pode pagar os meus honorários com comida e sexo.

— Terá que ser pizza, e eu acho que eu tenho uma longa linha de crédito com o sexo.

Mas ela lhe deu o endereço.

Depois de encerrar a transmissão, ela ligou para a loja de objetos para colecionadores para dizer ao proprietário para ficar aberto e disponível. Em um palpite, ela perguntou se eles tinham alguma coisa pertencente a Bobbie Bray.

E foi assegurado que eles tinham a mais extensa coleção da cidade.

Interessante.

CAPÍTULO QUATRO

le a encontrou lá, e estava sendo servido de café e atenção bajuladora por uma jovem ruiva e elegante em um terninho preto refinado.

E Eve não podia culpar a mulher. Roarke era ridiculamente bonito, e poderia, se quisesse, exalar charme como feromônios. Isso parecia se adequar a ele agora enquanto a ruiva corada e agitada oferecia biscoitos com o café.

Eve imaginou que ela mesma poderia se beneficiar com o carisma de Roarke. Ela quase nunca ganhava biscoitos no trabalho.

— Ah, aqui está a tenente. Tenente Dallas, esta é Maeve Buchanan, nossa anfitriã e a filha do proprietário.

— O proprietário está aqui?

— Minha esposa. Direto aos negócios. Café, querida?

— Claro. Esse é um ótimo lugar.

— Estamos muito felizes com ele — Maeve concordou.

Era bonito, brilhante — como sua anfitriã — e encantadoramente organizado. Nada como o lixo amontoado e desordenado que Eve esperava. Arte e pôsteres cobriam as paredes, mas de uma forma que ela supunha que alguém poderia organizá-los em sua casa, se eles eram loucos o suficiente para querer coisas em todos os lugares.

Ainda assim, mesas, vitrines e prateleiras brilhando mantinham os objetos de recordação de uma forma que impedia a desordem e o estilo meio lotado que muitas lojas do gênero eram vítimas. Música estava tocando discretamente — algo cheio de instrumentos e, certamente, não da era atual. Acrescentava um apelo fácil.

— Por favor, sente-se — Maeve convidou. — Ou dê uma olhada ao redor, se quiser. Meu pai está no escritório lá atrás. Ele está no *tele-link* com Londres.

— É tarde para fazer negócios por lá — Eve comentou.

— Sim. Colecionador particular. A maior parte do nosso negócio é de ou para coleções particulares. — Maeve afastou uma mecha de seu belo cabelo vermelho do rosto. — Há algo que eu possa fazer por você nesse meio tempo?

— Vocês compraram um número de peças ao longo dos últimos meses de Radcliff C. Hopkins.

— O Sr. Hopkins, é claro. De mil novecentos e dezesseis até a década de oitenta principalmente. Nós adquirimos uma série de peças dele. Há algum problema?

— Para Hopkins há. Ele foi morto ontem à noite.

— Oh! — Seu sorriso animador e do serviço pessoal se transformou em choque. — Morto? Meu Deus.

— Houve relatórios na mídia sobre isso durante o dia.

— Eu. . eu não tinha ouvido falar. — As mãos de Maeve foram pressionadas em suas bochechas, e seus olhos azuis e redondos estavam arregalados. — Nós estivemos abertos desde as dez. Nós não mantemos nenhuma tela ou rádio ligado na loja. Estraga o. . o ambiente atemporal. Meu pai vai ficar tão chateado.

— Eles eram amigos?

— Amigáveis, certamente. Eu não sei o que dizer. Ele esteve aqui

apenas algumas semanas atrás. Como ele morreu?

— Os detalhes são confidenciais. — *No momento,* pensou Eve. Sempre havia vazamentos e os meios de comunicação não podiam esperar para mergulharem neles e distorcê-los. — Eu posso dizer-lhe que ele foi assassinado.

Maeve tinha a tez de uma ruiva, e sua pele já pálida ficou branca como osso. — Assassinado? Isso é horrível. É. . — Ela virou-se quando uma porta na parte de trás se abriu.

O homem que saiu era alto e magro, com o cabelo ruivo que ele tinha passado para sua filha polvilhado com um pouco de cinza. Ele tinha olhos verdes tranquilos e um sorriso de saudação pronto. Ele desapareceu quando viu o rosto de sua filha.

— Maeve? Qual é o problema? Há algum problema?

— Papai. O Sr. Hopkins, ele foi assassinado.

Ele agarrou o braço de sua filha, e aqueles olhos tranquilos desviaram de Roarke para Eve e de volta. — Rad Hopkins?

— Isso mesmo. — Eve estendeu seu distintivo. — Sou a Tenente Dallas. O senhor e o Sr. Hopkins tinham negócios?

— Sim. Sim. Meu Deus, isso é um choque. Foi um assalto?

— Por que você pergunta?

— Sua coleção. Ele tinha uma extensa coleção de arte antiga.

— Você comprou um bom pedaço dessa coleção.

— Pedaços. Excelentes pedaços. — Ele esfregou o ombro de sua filha e puxou-a para baixo para o braço da cadeira enquanto ele sentava. O gesto pareceu ajudar ambos a se recompor.

— Eu estava esperando eventualmente fazer uma avaliação completa e dar-lhe uma oferta em toda ela. Mas ele era... — Ele empurrou seu cabelo e sorriu. — Ele era astuto. Mas ele me refreou, e aguçou o apetite com esses pedaços.

— O que você sabe sobre o Número Doze?

— Número Doze? — Ele pareceu não entender por um momento, depois balançou a cabeça. — Desculpe, eu estou me sentindo confuso com tudo isso. Lenda urbana. Assombrado. Alguns dizem que pelo fantasma de Hop Hopkins, outros por Bobbie Bray. Outros ainda dizem que ambos, ou por algumas celebridades daquela época. O prédio dá má sorte, embora eu admita que eu estou sempre à procura de algo de seu apogeu que pode ser autenticado. Rad conseguiu adquirir o prédio há alguns meses para trazê-lo de volta para sua família.

— Você sabe como ele saiu de sua família?

— Ah, eu acho que Rad me disse que foi vendido quando ele era um menino. Seu pai herdou quando seu avô morreu. Tragicamente, uma overdose de drogas. E o plano de Rad era trazê-lo de volta à sua antiga

glória, tal como era.

— Ele falava sobre isso o tempo todo — acrescentou Maeve. — Sempre que ele entrava. Agora ele nunca vai. . É tão triste.

— Para ser franco — continuou Buchanan, — eu acho que ele pode ter exagerado um pouco. Era um enorme empreendimento, razão pela qual ele achou necessário, na minha opinião, vender alguns de seus trabalhos de arte e recordações. E porque eu tenho um número de contatos nos negócios que poderiam ter sido úteis quando e se ele estivesse pronto para equipar o clube, seria uma boa relação simbiótica. Sinto muito que isso tenha acontecido.

— Quando foi a última vez que teve contato com ele?

— Na semana passada. Me juntei a ele para tomar uma bebida, a seu convite. Isso foi. . — Ele fechou os olhos por um momento, levantou um dedo. — Quarta-feira. Quarta à noite da semana passada. Eu sabia que ele ia tentar me convencer, mais uma vez, a investir neste clube dele. Não é exatamente o tipo de coisa que eu faço, mas ele é um bom cliente, e nós éramos amigáveis.

Quando ele suspirou, Maeve cobriu sua mão com a dela. — Então, eu me encontrei com ele. Ele estava tão animado. Ele me disse que estava pronto para começar a reforma novamente, desta vez a sério. Ele projetou a abertura para o próximo verão.

— Mas você recusou investir nele.

— Sim, mas ele aceitou bem. Para ser franco novamente, eu fiz um pouco de pesquisa quando ele se aproximou de mim meses atrás. Nada prospera naquele prédio. Os proprietários e os investidores vão à falência ou pior. Eu não podia ver isso ser diferente.

— É verdade — Roarke confirmou. — Os proprietários antes de Hopkins tinham planos para fazer um spa pequeno e exclusivo, com restaurante e varejo. O comprador caiu, quebrou as duas pernas ao fazer um tour rápido com o arquiteto. Seu irmão e seu sócio foram brutalmente atacados do lado de fora do prédio. Em seguida, seu contador fugiu com sua esposa, levando a maior parte de seu portfólio.

— Má sorte acontece — Eve disse categoricamente. — Você poderia me dizer onde você estava ontem à noite, entre meia-noite e três horas?

— Nós somos suspeitos? — Os olhos de Maeve arregalaram. — Meu Deus.

— São apenas informações. Quanto mais eu tiver, melhor.

— Eu saí em um encontro até cerca de onze horas.

— Onze e quinze — disse Buchanan. — Eu ouvi você chegar.

— Papai. . — Maeve revirou os olhos. — Ele espera acordado. Tenho vinte e quatro anos e ele ainda espera acordado.

— Eu estava lendo na cama. — Mas seu pai sorriu, um pouco timidamente. — Maeve chegou, e eu... bem... — Ele enviou um outro olhar

para a filha. — Eu desci por volta da meia-noite e verifiquei a segurança. Eu sei, eu sei — ele disse antes de Maeve poder falar. — Você sempre aciona se você chega depois que eu estou na cama, mas eu me sinto melhor fazendo isso por último. Fui para a cama depois disso. Maeve já estava em seu quarto. Tomamos café da manhã juntos cerca de oito horas esta manhã, então nós estávamos aqui às nove e meia. Abrimos às dez.

— Obrigada. Está tudo bem se dermos uma olhada em volta?

— Absolutamente. Por favor. Se você tiver alguma dúvida, se há alguma coisa que possamos fazer... — Buchanan ergueu as mãos. — Eu nunca lidei com nada parecido com isso, então eu não tenho certeza do que podemos ou devemos fazer.

— Basta ficarem disponíveis — Eve disse a ele. — E me contatar na Central se alguma coisa lhe vier à mente. Por agora, talvez você possa me apontar para o que você tem de Bobbie Bray.

— Oh, nós temos uma verdadeira coleção. Na verdade, um dos meus favoritos é um retrato que compramos de Rad há alguns meses. Por aqui.

— Buchanan se virou para conduzi-los através da sala de exposições principal. — Isso foi feito a partir da fotografia tirada para a capa de seu primeiro álbum. Hop, o primeiro Hopkins, tinha pintado e pendurado no apartamento que ele manteve em cima do Número Doze. O boato é que ele manteve longas conversas com ele depois que ela desapareceu. É claro que

ele ingeria todo tipo de alucinógenos. Aqui está ele. Impressionante, não é?

O retrato tinha talvez quarenta e cinco por cinquenta centímetros, em uma pose horizontal. Bobbie estava reclinada sobre uma cama coberta com um rosa vívido e amontoada com almofadas brancas.

Eve viu uma mulher com cabelos loiros, selvagens e encaracolados. Havia dois grampos de diamantes brilhando nas massas do mesmo. Seus olhos eram o verde das folhas novas da primavera e uma única lágrima — brilhante como os diamantes, se derramava pelo seu rosto. Era o rosto de um anjo condenado — lindo em vez de bonito, cheio de tragédia e emoção. Ela usava um robe fino, branco e transparente, e entre os seios havia uma mancha vermelha profunda na forma borrada de um coração.

— O álbum foi *Bleeding Heart,* da faixa-título. Ela ganhou três Grammys por ele.

— Ela tinha vinte e dois anos — Maeve adicionou. — Dois anos mais nova que eu. Menos de dois anos depois, ela desapareceu sem deixar vestígios.

Havia um vestígio, pensou Eve. Sempre há, mesmo que demore quase um século para aparecer.

Lá fora, Eve cravou as mãos nos bolsos. O céu tinha parado de cuspir coisas desagradáveis, mas o vento tinha aumentado. Ela tinha certeza de que tinha deixado seu gorro em seu escritório.

— Todo mundo tem um álibi, ninguém tem um motivo. Ainda. Eu acho que eu vou voltar para a cena do crime, dar uma outra olhada ao redor.

— Então você pode me preencher com o que deve ser uma infinidade de detalhes que faltavam no caminho. Eu vou mandar levarem meu carro para casa — Roarke continuou quando ela franziu a testa para ele. — Então, eu poderia pegar uma carona com a minha adorável esposa.

— Você só estava esperando para dar uma olhada no Número Doze.

— E a esperança salta. Quer que eu dirija?

Quando ela deslizou atrás do volante, ela bateu os dedos sobre ele. — Quanto algo como aquela pintura arrecadaria no mercado aberto?

— Com o coletor certo? O céu seria o limite. Mas eu diria que um milhão não seria mais do que o esperado.

— Um milhão? Por uma pintura de uma mulher morta. O que há de errado com as pessoas? A principal transação na conta da vítima desde Bygones foi um quarto disso. Por que Hopkins vendeu tão barato?

— Lutando por capital. Um pássaro na mão vale muito mais do que uma pintura na parede.

— Sim, é isso. Buchanan tinha que saber que ele estava fazendo negócios por uma pechincha.

— Então, por que matar a galinha dos ovos de ouro?

— Exatamente. Mas é estranho para mim nenhum deles ter ouvido

todo este tempo que Hopkins comprou o Número Doze. Eles tomam café da manhã às oito? Não há relatos da mídia enquanto você está analisando as opções do AutoChef ou vestindo suas calças?

— Nem todo mundo assisti aos noticiários.

— Talvez não. E ninguém apareceu hoje e mencionou isso? Ninguém disse, “Ei! Vocês ouviram falar daquele tal de Hopkins? O Número Doze pegou mais um.” Apenas não faz sentido para mim. — Então, ela deu de ombros e se afastou do meio-fio.

— Passei no laboratório antes disso. A mesma arma que matou Hopkins matou a mulher ainda não identificada cujos restos foram encontrados atrás da parede do Número Doze.

— Fascinante.

— A arma foi emparedada com ela. O assassino deve ter encontrado ela e a arma. Limpou a arma. Você viu aquelas joias de cabelo que ela estava naquela foto? Foram recuperadas na cena do crime, também limpas e brilhantes. Uma ao lado da janela que o assassino provavelmente usou para escapar, uma com os ossos.

— Alguém quer se certificar de que os restos sejam identificados. Você duvida que seja ela?

— Não, eu não tenho dúvidas de que seja ela. Eu não duvido que Hop Hopkins colocou uma bala em seu cérebro, e então a escondeu com tijolos e

argamassa. Eu não sei por quê. Eu não sei por que alguém usou essa mesma arma com o neto de Hop oitenta e cinco anos mais tarde.

— Mas você acha que há uma conexão. Uma conexão pessoal.

— Teve que recarregar para colocar a bala no cérebro. Isso é extremamente frio. O cara está morto, ou próximo disso. Mas você recarrega, rola o corpo, pressiona o cano da arma com força o suficiente para queimar a pele e deixar uma marca do cano e dá um último tiro. Isso é fodidamente frio.

CAPÍTULO CINCO

ve lhe deu mais detalhes no caminho. Ela poderia, com Roarke, repassá-los como uma lista de verificação, e sempre os alinhava em E sua mente. Além disso, ele sempre parecia saber algo ou alguém que pudesse preencher algumas das lacunas.

— Então, você já fez negócios com Hopkins?

— Não. Ele tinha uma reputação de ser generoso com o papo furado, e muitas vezes com curtos resultados.

— Grandes planos, pequena ação — Eve concluiu.

— Esse seria ele. Inofensivo, pelo que todos diziam. Não é do tipo que engana a viúva e os órfãos para lhes tirar o dinheiro do aluguel, mas nada o impedia de pegar uma parte dele com o objetivo de ficar rico rapidamente.

— Ele traiu suas esposas e recentemente espremeu quinhentos dólares

do filho que abandonou.

— Inofensivo nem sempre significa moral ou admirável. Eu fiz algumas ligações, por curiosidade — ele explicou. — Para umas pessoas que gostam de comprar e vender imóveis.

— Que inclui a você mesmo.

— Definitivamente. Pelo que me disseram, os investidores caíram fora do projeto do Doze com Hopkins apenas duas semanas depois de ele ter assinado os papéis dele. Ele estava bastante endividado com o preço da compra, as taxas legais, arquitetos e designers, a equipe de construção, e assim por diante. Ele tinha ralado muito para chegar tão longe como chegou, e foi perdendo força. Ele tinha feito algumas sondagens ao redor, mais honorários legais, para ver se ele poderia arrebatar a propriedade condenada e receber de volta um pouco do seu investimento. Ele tentou arrebatar algum dinheiro de várias agências federais, sociedades históricas. Ele explorou todos os ângulos e teve algum sucesso. Algumas pequenas subvenções. Não o suficiente, não para a sua visão bastante ambiciosa.

— De quanto dinheiro estamos falando, para a construção e a visão?

— Oh, absolutamente uns cento e cinquenta milhões. Ele mal arranhava a superfície, quando ele deve ter percebido que ele não poderia fazê-lo sem mais capital. Em seguida, alguns dias depois, ele acendeu a luz verde novamente. Alegou que o Número Doze estava indo adiante.

— Eu estou esperando o laboratório ver se eles podem identificar quando essa parede foi derrubada. Poderia ter sido há dias. — Seus dedos bateram em um ritmo no volante enquanto ela considerava. — Hopkins encontra o corpo. Você começa uma riqueza de publicidade com algo como isso. Talvez uma oferta para fazer um filme, ou um livro. Um cara com uma mentalidade empreendedora, ele poderia pensar em todos os tipos de formas de ganhar com esses ossos.

— Ele poderia — Roarke concordou. — Mas a primeira questão não seria como ele sabia onde procurar?

— Ou como seu assassino sabia.

— Hop a matou — ela começou enquanto ela virava para o estacionamento. — Em uma discussão, induzido por drogas, seja o que for. Empareda o corpo, o que leva algum tempo. O cara gostava de cocaína. Isso o manteve acelerado por algumas horas. Teve que encobrir o tijolo, arrumar as coisas de volta de forma razoável. Estou tentando acessar os relatórios policiais da época. Não tem sido fácil até agora. Mas de qualquer maneira, não é possível que os policiais deixaram passar uma nova seção de parede, então ele os pagou ou chantageou.

— Policiais corruptos? Estou atordoado. Estou chocado.

— Cale a boca. Hop fica no limite com a culpa, drogas e o medo de ser descoberto. Vira eremita. Um cara que se tranca com um corpo do outro

lado da parede deve estar muito maluco. Não me surpreenderia se ele escreveu alguma coisa ou se disse a alguém sobre isso. Se os policiais estavam envolvidos, eles sabiam ou suspeitavam de algo. O assassino, ou Hopkins fez alguma investigação, cutucou ao redor. Obteve sorte, ou azar, como é o caso.

— Precisou de oito décadas e meia para ter sorte?

— O local ganha um representante — Eve disse, enquanto caminhavam do carro em direção ao Número Doze. — Bray recebe status de lenda. As pessoas dizem ter visto ela, falado com ela. Muitas dessas pessoas, e outras, acham que ela desapareceu porque ela não podia lidar com a pressão de seu próprio sucesso. Hop tinha bastante trabalho para manter as pessoas fora do apartamento durante sua vida. Até então, haviam murmúrios de maldições e assombrações, e que só cresceu à medida que o tempo passava. Duas pessoas têm alguma má sorte e ninguém mais quer mexer com o Número Doze.

— Mais do que duas pessoas. — Roarke franziu a testa na porta quando Eve decodificou o selo da polícia. — O prédio apenas está aqui quieto, e todo mundo que tentou perturbá-lo, por qualquer motivo, acabou pagando um preço.

— É tijolo, madeira e vidro.

— Tijolo, madeira e vidro da estrutura, não do espírito.

Ela levantou as sobrancelhas para ele. — Quer esperar no carro, Sally?

— Agora você que cale a boca. — Ele cutucou-a de lado para entrar primeiro.

Ela acendeu as luzes e tirou a lanterna como um extra. — Hopkins estava entre aquelas escadas de ferro e o bar. — Ela atravessou a sala e se posicionou perto das escadas. — A partir dos ângulos, o assassino estava aqui. Eu vejo ele chegar aqui primeiro, vir para baixo quando Hopkins entra. Hopkins ainda estava com o casaco, as luvas, um cachecol. É frio aqui, com certeza, mas um homem provavelmente tira as luvas, desenrola seu cachecol, talvez desabotoa o casaco quando ele entra. Você acabou de fazer.

Entendendo sua esposa, Roarke se moveu para onde ele pensava que tinha sido a posição de pé de Hopkins. — A menos que você não tenha a chance.

— O assassino vem para baixo. Ele disse a Hopkins para trazer alguma coisa e Hopkins caminha de mãos vazias. Poderia ser pequeno, que caiba no bolso, mas por que o assassino atiraria nele tão rapidamente, e com tanta raiva, se ele tivesse cooperado?

— O homem gostava de enrolar. Se ele veio de mãos vazias, ele pode ter pensado que ele poderia fazer um acordo.

— Então, quando ele começa o papo “Vamos falar sobre isso”, o assassino se irrita. Atira nele. No peito, na perna. Quatro tiros de frente. A

vítima cai, tenta engatinhar, o assassino continua disparando, movendo-se em direção ao alvo. Pernas, costas, ombro. Oito tiros. O clipe completo desse modelo. Recarrega, vira o corpo, inclina-se para baixo. Olha Hopkins bem nos olhos. Os olhos estão mortos, mas ele olha para eles quando ele puxa o gatilho pela última vez. Ele quer ver o rosto dele tanto quanto ele precisa ecoar o tiro na cabeça de Bray, ele precisa ver o rosto e os olhos quando ele coloca essa última bala nele.

Ela atravessou a sala, seguindo o que ela achava que era a rota do assassino enquanto ela falava. — Ele poderia ter saído pela frente. Mas ele escolhe voltar lá para cima.

Agora ela se virou e começou a subir. — Poderia ter levado a arma, atirado no rio. Nós nunca a teríamos encontrado. Ele queria que a encontrássemos. Ele queria que nós soubéssemos. Os policiais não colocaram Hop no sistema. Por que faríamos algo com seu neto? Ele mesmo cuidou disso. Pagamento feito. Mas ele quer que a gente saiba, que todos saibam, que finalmente Bobbie foi vingada.

Ela parou na frente da seção aberta da parede. — Olha o que ele fez com ela. Colocou uma bala naquele rosto trágico e jovem, silenciou sua voz. Acabou com sua vida quando ela estava apenas começando. Então ele levantou uma parede, trancou-a longe do mundo. Ela está livre agora. Eu a libertei.

— Ela vai ficar mais famosa, mais infame, do que nunca. Seus fãs vão fazer um santuário do lado de fora deste lugar. Haverá pilhas de flores e lembranças lá fora, permanecendo no frio com velas para vigílias. E, para adicionar uma nota cínica, haverá *merchandising* de Bobbie Bray além do imaginável. Fortunas serão feitas através disso.

Eve se voltou para Roarke. — Isso mesmo, eles vão. Hopkins teria sabido disso. Ele teria tido visões de dinheiro caindo do céu sobre ele. O Número Doze não seria apenas um clube, seria uma maldita catedral. E ele teria a principal atração. Fama e fortuna à custa de seus ossos. Pode apostar.

O assassino não tolerou isso. “Você acha que pode usá-la? Você acha que eu ia deixar você usá-la?”

— A maioria dos que teriam conhecido ela pessoalmente ou tiveram um relacionamento com ela, estariam mortos agora. Ou idosos.

— Não tem que ser jovem para puxar um gatilho. — Mas ela franziu a testa para o corte na parede. — Mas você tem que ser muito ágil para lidar com as ferramentas para fazer isso. Eu só não acho que Hopkins fez essa parte. Nada em suas finanças indica que ele tinha comprado ou alugado as ferramentas que poderiam lidar com isso. E ele não me parece o tipo de pessoa que seria capaz de fazer um trabalho ordeiro com elas. Não por conta própria. E o assassino tinha a arma e os grampos de cabelo. O assassino abriu esta sepultura.

O frio foi súbito e intenso, como se uma porta tivesse sido escancarada para um bloco de gelo, e através desse ar gelado derivou uma voz crua e assustadora.

Na minha escuridão não há amanhecer, não há luz no meu mundo, desde que você se foi. Eu pensei que meu amor iria resistir ao teste, mas agora meu coração

sangra do meu peito.

Mesmo quando Eve tirou sua arma, a voz se elevou, com uma batida latejante de um baixo e uma bateria por trás dela. Ela correu para o nível com vista para o clube principal.

A voz continuou a aumentar, parecendo encher o prédio. Abaixo dele, sobre ele, haviam vozes, gritos e assobios. Por um instante, ela pensou que podia sentir o cheiro de uma mistura pesada de perfume, suor e fumaça.

— Alguém está brincando com a gente — ela murmurou.

Antes que ela pudesse virar em direção às escadas para investigar, houve um grito vindo do apartamento quase eviscerado acima. Uma voz de mulher gritou:

— Não. Jesus, Hop. Não!

Houve a explosão de um tiro e um baque distinto.

Mantendo sua arma, ela subiu as escadas novamente com Roarke. Na porta, a mão dele se fechou sobre seu ombro.

— Santa Mãe de Deus. Você está vendo?

Ela disse a si mesma que era uma sombra — um truque da luz fraca, a poeira. Mas por um instante parecia haver uma mulher, sua massa de cabelos loiros ondulados caindo sobre os ombros, em pé na frente da seção aberta da parede. E por um instante, parecia que seus olhos olharam diretamente nos de Eve.

E então não havia nada além de um quarto vazio e frio.

— Você a viu — Roarke insistiu quando Eve se arrastou ao redor da parede.

— Eu vi sombras. Talvez uma imagem. Se eu vi uma imagem, foi porque alguém a colocou lá. Assim como alguém acionou algum dispositivo que colocou a música. Tem alguns eletrônicos em alguns lugares. Acionados por controle remoto, o mais provável.

Ele se agachou. O cabelo, o rosto e as mãos de Eve estavam todos revestidos com poeira e detritos. — Você sentiu aquele frio.

— E daí, ele deixou cair a temperatura daqui. Ele está dando um show, isso é o que ele está fazendo. Armando um circo. Então a policial vai voltar e relatar acontecimentos assustadores, aparições. Essas *merdas!*

Ela limpou seu rosto imundo enquanto ela se arrastava para fora. — Hopkins deixou dívidas. Seu filho é beneficiário de basicamente nada. O prédio é terra-de-ninguém até que ele vai a leilão público. Mantenha a

porcaria da maldição, mantenha o preço baixo. Pegue e pague mais barato do que a sujeira.

— Com o que aconteceu aqui e ao achar o corpo, isso poderia dar exatamente no caminho oposto. Podia elevar o preço.

— Se isso acontecer, você pode apostar que alguém vai ter algum documento alegando que eles eram sócios de Hopkins. Talvez eu estivesse errada sobre isso ser pessoal. Talvez tenha sido sobre lucro o tempo todo.

— Você não estava errada. Você sabe que não estava. Mas você está aí, em um estado bastante desagradável, devo acrescentar, tentando mudar de opinião de modo que você não tenha que admitir que você viu um fantasma.

— Eu vi algum idiota querendo que eu acredite que era um fantasma e ele aparentemente convenceu você, meu chapa.

— Eu conheço imagens eletrônicas quando as vejo. — Um pequeno indício de irritação cintilou em seus olhos com o tom dela. — Eu sei o que eu vi, o que eu ouvi, o que eu senti. O assassinato foi feito aqui, e então foi adicionando a ele o insulto e a insensibilidade do que foi feito em seguida. Ele olhou de volta para a abertura estreita, para a antiga localização dos ossos há muito tempo aprisionados. E agora havia uma sugestão de pena em seus olhos também. — Tudo ao mesmo tempo em que dizia estar tão preocupado, tão chateado, oferecendo recompensas para seu retorno seguro, ou provas fundamentadas de que ela estava viva e bem. Tudo isso enquanto

ela estava mofando atrás da parede que ele tinha construído para escondê-la. Se seu corpo nunca saiu daqui, por que o seu espírito sairia?

— Porque. . — Com um aceno de cabeça, Eve espanou a poeira. — Seu corpo não está aqui agora. Então, ela não deveria estar assombrando o necrotério?

— Este lugar tem sido um lar para ela por um longo tempo, não é? — *Pragmatismo,* pensou ele, *seu nome é Eve*. Em seguida, pegou um lenço, e usou-o para limpar o pior da poeira e sujeira do rosto dela.

— Criptas caseiras não são o que eu chamaria de lar, doce lar — ela respondeu. — E sabe de uma coisa? Fantasmas não limpam armas ou matam com elas. Eu tenho um corpo no necrotério. E eu vou ordenar que os peritos, com um contingente da DDE, venham aqui amanhã. Eles vão desmontar este lugar.

Ela afastou um pouco da sujeira de sua blusa e calças antes de pegar o casaco. — Eu quero um banho.

— Eu quero que você tome um banho, também.

Quando eles desceram as escadas, ela ligou para ordenar às duas unidades que vasculhassem o Número Doze à procura de dispositivos eletrônicos. Se ela pensou ter ouvido uma risada rouca de uma mulher pouco antes de ela fechar e trancar a porta, Eve ignorou.

CAPÍTULO SEIS

uando ela tinha tomado banho e vestido um suéter quente e confortável, Eve teve a ideia de comer uma pizza. Ela achou que podia Q comer uma fatia ou duas em sua mesa enquanto ela trabalhava.

Ela estava indo em direção ao escritório que ela mantinha em casa, quando ouviu a voz de Bobbie Bray, a música que era sua marca registrada. *Partido, espancado, sangrando, e ainda estou pedindo, implorando. Volte. Volte e cure meu coração. Volte. Volte e cure meu coração.*

Com o seu próprio coração batendo forte, Eve cobriu o resto da distância em uma arrancada. Exceto pelo gato gordo, Galahad, roncando em sua cadeira de descanso, seu escritório estava vazio.

Em seguida, ela estreitou os olhos para a porta aberta que juntava seu escritório com o de Roarke. Ela o encontrou em sua mesa, com a faixa-título começando a tocar novamente através dos alto-falantes de sua unidade de entretenimento.

— Você está tentando me assustar?

— Não. — Ele sorriu um pouco. — Eu assustei? — Quando ela deu a ele um olhar de pedra, ele deu de ombros. — Eu queria conhecer melhor o nosso fantasma. Ela nasceu em Louisville, Kentucky, e de acordo com esta biografia, saiu de casa aos dezesseis anos para migrar para Haight-Ashbury, como muitas de sua geração fizeram. Ela cantou em alguns clubes, principalmente por comida ou um lugar para dormir, andou ao redor, se

juntou a uma banda chamada Luv, na verdade é L-U-V, onde ela se destacou como uma rosa entre as ervas daninhas, aparentemente. Fez algumas substituições para um ou dois cantores importantes da época, então conheceu Hopkins em Los Angeles.

— Má sorte para ela. Você pode desligar isso?

— Desligar música — ele ordenou, e a voz de Bobbie parou. — Ela incomoda você — Roarke notou. — Por quê?

— Ela não me incomoda. — *O termo correto,* pensou Eve, *seria ela me assusta.* Mas dane-se, ela não ia cair no padrão aceito sobre o Número Doze ou Bobbie Bray.

— Ela é parte da minha investigação e uma vítima secundária, mesmo que ela tenha sido morta meio século antes de eu nascer. Ela é minha agora, assim como Hopkins é meu. Mas ela é sempre parte do motivo.

— E, como tal, eu acho que você gostaria de saber tudo o que pode sobre ela.

— Eu gostaria, e eu vou. Mas eu não tenho que ouvi-la cantar. — Era muito triste, Eve admitiu para si mesma. E muito assustador. — Eu ia pegar um pouco de pizza. Você quer também?

— Tudo bem. — Roarke levantou-se e a seguiu até a cozinha anexa ao seu escritório. — Ela tinha vinte anos quando Hop a capturou. Ele tinha quarenta e três. Ainda assim, foi dois anos antes de seu álbum sair, o que ele

produziu, alegadamente escolhendo a mão cada canção. Ela se apresentou durante esse período, exclusivamente nos locais de Hopkins.

— Então ele a administrava.

— Quase como se ela fosse propriedade dele, era a impressão que se tinha. Menina jovem e ingênua, pelo menos do ponto de vista dos negócios, e de uma geração e cultura que se orgulhava de não estar ligado a propriedades e bens. Mais homens velhos, sagazes e experientes, que a descobriram, a namoraram e certamente alimentaram qualquer apetite que ela poderia ter tido por substâncias ilegais.

— Ela esteve sozinha por cinco anos. — Eve debateu por cerca de cinco segundos diante da pepperoni e a escolheu. — Ingênua não se encaixa para mim. — Mas, no entanto, você não é uma fã sentimental ou biógrafa. Ainda assim, eu me refiro a ingenuidade quando se tratava de contratos, direitos autorais, negócios e finanças. E Hopkins era um profissional. Ele se tornou seu agente, seu empresário, seu produtor.

— Mas ela é o talento — Eve considerou e pegou alguns guardanapos.

— Ela tem a juventude, os olhares. Talvez sua cultura ou seja lá o que ridicularizavam as grandes pilhas de dinheiro, mas se ela está produzindo isso, encantada com seu brilho, ela vai começar a querer mais.

— Concordo. Ela o deixou por alguns meses em 1972, simplesmente saiu do radar. Que é uma das razões, eu presumo, pela qual ele escapou

impune pelo seu assassinato, três anos depois. Ela havia fugido uma vez, por que não outra?

Ele caminhou para escolher um vinho da prateleira atrás de um painel da parede. — Quando ela voltou, foi com muita pressão profissional, com uma rodada contínua de festas, clubes, drogas, sexo. Seu álbum fez um grande sucesso e ela fez uma turnê internacional por seis meses. Mais sexo, mais drogas e três Grammys. Seu próximo álbum estava em desenvolvimento quando ela desapareceu.

— Hop deve ter obtido um percentual de seus ganhos. — Eve trouxe a pizza e colocou ela e os pratos em sua mesa.

— Como seu empresário e produtor, ele teria conseguido um substancial.

— Estúpido matar a galinha dos ovos de ouro.

— Paixão mais drogas pode ser igual a extrema estupidez.

— Foi inteligente o suficiente para encobri-lo, e mantê-lo encoberto por 85 anos. Então, seu neto acaba pagando por isso. Por quê? Minha vítima não era nem nascida quando isso aconteceu. Se é vingança...

— Foi servida muito fria — Roarke disse quando ele serviu o vinho.

— O assassino tem uma ligação com o crime mais antigo, os atuantes mais antigos. Financeiro, emocional, físico. Talvez todos os três.

Ela levantou uma fatia, puxou as cordas de queijo, habilmente

colocando-as sobre o triângulo.

— Se é financeiro — continuou ela, — quem tem a ganhar? O filho herda, mas ele tem um álibi e não há muito a ganhar uma vez que as dívidas sejam compensadas. Então, talvez algo de valor, algo que o assassino queria que Hopkins trouxesse para o Número Doze. Mas se era um direto *me-dá-o-que-eu-quero/mereço,* por que aquela encenação? Por que armar aquele show para nós esta noite?

Quando Roarke não disse nada, Eve mastigou contemplativamente sua fatia. — Você acredita seriamente que era alguma visitação fantasmagórica? Tome uma pequena dose de realidade.

— Você acredita seriamente que o seu assassino esteve assombrando o edifício, e seus proprietários, por oito décadas e meia? O que torna o enredo mais lógico do que um espírito inquieto e furioso?

— Porque pessoas mortas não ficam furiosas. Elas estão mortas. — Ela pegou o vinho. — É o meu trabalho ficar chateada por elas.

Roarke estudou-a sobre sua própria taça, seu olhar pensativo e exigente. — Então, não há nada depois? Tão perto como você esteve da morte, você não vê algo depois?

— Eu não sei o que eu vejo. — Esse tipo de conversa sempre a incomodava, de alguma forma se tornava pegajosa ao longo da sua pele. — Porque você não vê isso, se há algo lá para ver, até que você esteja morto.

Mas eu não acredito que todos os mortos façam *buuuu*, ou comecem a cantar. O primeiro Hopkins pagou uma investigação, e este assassino quer tornar isso sobrenatural. Não vai dar certo.

— Considere a possibilidade — ele sugeriu. — O espírito de Bobbie Bray quer vingança, tanto quanto você quer justiça. É um forte desejo, de ambas as partes.

— Isso não é uma possível possibilidade.

— Mente fechada.

— Racional — corrigiu ela, com um pouco de calor agora. — Caramba, Roarke, ela são ossos. Por que agora, então? Por que aqui e agora? Como ela conseguiu arranjar que alguém de carne e osso matasse o descendente de seu assassino? Se Hop Hopkins *foi* o seu assassino, o que ainda não foi comprovado.

— Talvez ela estivesse esperando por você para provar isso.

— Ah, sim, *isso é* racional. Ela está por aí, esperando que um policial da homicídios correto apareça. Ouça, eu tenho a realidade de um corpo morto, uma arma antiga e proibida usada em um crime anterior. Eu não tenho nenhum motivo perceptível e tenho um circo da mídia esperando para acontecer. Eu não posso perder tempo pensando e me preocupando com a disposição de uma mulher que está morta há 85 anos. Você quer desperdiçar seu tempo brincando com fantasmas, esteja à vontade. Mas eu tenho um

trabalho sério na minha agenda.

— Tudo bem, então, já que eu a irritei, eu vou deixá-la com o seu trabalho sério, enquanto eu vou perder meu tempo.

Ela fez uma careta para ele quando ele se levantou e levou sua taça de vinho com ele para seu escritório. E ela xingou baixinho quando ele fechou a porta atrás de si.

— Ótimo, muito bem, fabuloso. Agora eu tenho um fantasma causando discórdia conjugal. Apenas torna tudo perfeito.

Ela se afastou de sua mesa para arrumar o quadro de casos que ela usava em casa. Lógica era o que era necessário aqui, ela disse a si mesma. Lógica, instintos policiais, fatos e provas.

Deve ser o irlandês no sangue de Roarke que o puxava para o fantasioso. Quem sabia que ele ia tomar esse caminho?

Mas o caminho dela era reto, estreito e racional.

Dois assassinatos, uma arma. Conexão. Dois assassinatos, um local, segunda conexão. Segunda vítima, descendente de sangue do suspeito de homicídio no primeiro assassinato. Ligue esses pontos, também, ela pensou enquanto ela trabalhava.

Então, ok, ela não poderia colocar o primeiro assassinato de lado. Ela o usaria.

A lógica e as evidências ditavam que ambas as vítimas conheciam o seu

assassino. A princípio parecia ser um crime passional, provavelmente reforçado por substâncias ilegais. Talvez Bray traiu Hop. Ou queria romper profissionalmente e/ou pessoalmente com ele. Ela poderia ter tido alguma coisa sobre ele, ameaçando a exposição.

Tinha que ser um ato de paixão, um calor do momento. Hop tinha o dinheiro, meios de matar. Se ele tivesse planejado matar Bray, por que ele teria feito isso em seu próprio apartamento?

Mas o segundo assassinato foi um ato deliberado. O assassino atraiu a vítima para o local, estava com a arma. Tinha, com toda a probabilidade, descoberto o corpo anteriormente. A morte tinha sido um ato de raiva, bem como a deliberação.

— Sempre quis matá-lo, não é? — ela murmurou enquanto estudava as fotos da cena do crime em seu quadro. — Queria o que quer que ele iria levar primeiro, mas mesmo que você não obtivesse isso, ele era um homem morto. O que ela significa para você?

Ela estudou as fotos de Bobbie Bray.

Fã obcecado? Não estava fora de questão, ela pensou, mas estava mais abaixo em sua lista.

— Computador, rodar probabilidade, com a evidência atual do arquivo ativo. Qual é a probabilidade de que os assassinos de Bobbie Bray e Radcliff C. Hopkins estejam ligados?

PROCESSANDO. .

Distraidamente, Eve pegou o vinho, tomando-o enquanto ela trabalhava vários cenários em sua cabeça.

TAREFA COMPLETA. A PROBABILIDADE É DE 82,3%...

Razoavelmente forte, refletiu Eve, e decidiu dar um passo adiante. — Qual é a probabilidade de que o assassino de Radcliff C. Hopkins esteja relacionado com a primeira vítima, Bobbie Bray?

PROCESSANDO. .

Membro da família, pensou Eve. *Amigo próximo, amante. Bray teria, o que*. . *maldita matemática,* ela xingou enquanto ela calculava. Bray teria cerca de cento e nove anos se ela estivesse viva. As pessoas viviam mais tempo agora do que em meados do século XX. Então, um amigo ou amante próximo não estava fora de questão também.

Mas ela não podia ver um centenário, até mesmo um ágil, quebrando aqueles tijolos.

TAREFA COMPLETA. A PROBABILIDADE É DE 94,1% DE QUE EXISTA UMA LIGAÇÃO ENTRE A PRIMEIRA VÍTIMA E O ASSASSINO DA SEGUNDA..

— Sim, foi isso o que eu pensei. E sabe o que mais? Sangue é a conexão mais estreita. Então, quem Bobbie deixou para trás? Computador, listar todos os membros da família da primeira vítima. Exibição na tela da parede.

PROCESSANDO.. EXIBIÇÃO COMPLETA.

Os pais e irmão mais velho faleceram, Eve observou. A irmã mais nova, de oitenta e oito anos de idade, vivia no Centro de Apoio de Scottsdale, Arizona. Bem jovem para viver em um centro de apoio, refletiu Eve, e fez uma anotação para descobrir qual a condição médica da irmã.

Bobbie teria tido uma sobrinha e um sobrinho se ela estivesse viva, e dois sobrinhos-netos.

Vale a pena conferir, Eve decidiu, e começou uma série de pesquisas sobre todas as relações vivas.

Enquanto o computador trabalhava, ela montou uma tarefa secundária e deu uma olhada mais de perto em Hopkins.

— Grande partida — disse ela em voz alta. — Nenhuma conclusão.

Havia dezenas de projetos iniciados, abandonados. Falhos. De vez em quando ele tinha obtido êxito, pelo menos o suficiente para manter os lobos longe da porta, armando o próximo projeto.

Casamentos fracassados, filho ignorado. Nenhum registro criminal sobre qualquer ex-cônjuge ou filho.

Mas você tinha que começar em algum lugar, ela imaginou.

Ela voltou para o quadro. Grampos de cabelo de diamantes. Bray os usava na capa do seu primeiro álbum — possivelmente um presente de Hop. Provavelmente. A cena dizia a Eve que era provável que Bray tinha estado

usando-os quando ela tinha sido morta, ou pelo menos quando ela foi emparedada.

Mas o assassino não tinha levado como uma recordação. Não é um fã, isso não se encaixava. O assassino os tinha limpado e deixado para trás.

— Ela era um diamante — Eve murmurou. — Ela brilhava. É isso que você está me dizendo? Aqui é a arma que ele usou para matá-la, e aqui é onde eu a encontrei. Ele nunca pagou e o pagamento precisava ser feito. É essa a mensagem?

Ela circulou os quadros, estudou as pesquisas enquanto o computador as exibia. Havia algumas possibilidades decentes entre os descendentes de Bobbie.

Todos eles teriam que ser interrogados, ela decidiu.

Um deles contatou Hopkins, ela especulou. *Talvez até mesmo tentou comprar o prédio, mas ele não julgou aceitável. Tinha de ter acesso, porém, para encontrar o corpo. Como o acesso foi adquirido?*

Dinheiro. Hopkins necessitava de investidores. Talvez cobrou ao seu assassino uma taxa para visitar o Número Doze. Entrando uma vez, você pode entrar novamente.

Como você encontrou o corpo? Como você sabia?

O que ela tinha aqui? perguntou-se. Irmã mais nova em uma instituição

de apoio. Sobrinha sem dados conhecidos. Sobrinho falecido — fatalidade das Guerras Urbanas. Sobrinha-neta trabalha com gestão de vendas, o sobrinho-neto é um vendedor de seguros. Cidadãos comuns, sem grandes sucessos, sem grandes falhas.

Ordinários.

Nada chamativo. Ninguém conseguiu lucrar com a fama e fortuna de Bobbie, ou sua morte prematura.

Ninguém, pensou, exceto Hopkins. Isso seria um irritante, não seria?

Sua filha, irmã, tia é uma figura de culto morta, mas você tem que gastar as 35 horas por semana para sobreviver. E o neto do bastardo que a matou está tentando se aproveitar disso. Você está com pouco dinheiro, ficando velho e. .

— Espere um minuto, espere um minuto. Serenity Bray, oitenta e oito anos. Vinte e dois anos mais jovem do que Bobbie. Não é uma irmã. É uma filha.

Ela virou-se para a porta ao lado, empurrando-a aberta. — Bobbie tinha uma filha. Não uma irmã. A época é correta. Ela teve uma filha.

Roarke simplesmente levantou uma sobrancelha. — Sim. Serenity Bray Massey, atualmente em Scottsdale em uma instalação de enfermagem de cuidados completos. Eu já pesquisei isso.

— Me mostre. Ela teve uma filha, e a época faz com que seja mais

provável ser de Hop. Não há registros de uma criança. Não há relatos da época de sua gravidez. Mas ela se separou dele por vários meses, o que coincide com os últimos meses de sua gravidez e do nascimento.

— Após isso, ao que parece, ela deu a criança a sua própria mãe. Que, então, mudou-se com sua família para um rancho nos arredores de Scottsdale, e Bobbie voltou para Hop e seu estilo de vida anterior. Eu encontrei alguma especulação durante o seu período de afastamento de Hop de que ela foi para a reabilitação e reclusão. Entrevistas e artigos disseram que ela estava limpa e sóbria quando voltou à cena, em seguida teve uma recaída, eu suponho que se poderia dizer, dentro de algumas semanas.

Ele inclinou a cabeça. — Eu pensei que você ia deixar Bobbie para mim.

— A parte do fantasma é sua. A parte morta é minha.

CAPÍTULO SETE

les estavam em seu segundo ano de casamento, e sendo uma observadora treinada, Eve sabia quando ele estava irritado com ela.

E Parecia estúpido, simplesmente *estúpido* brigar ou discutir sobre algo tão ridículo como fantasmas.

Ainda assim, ela meditou sobre isso outro momento, à beira da estupidez. Em seguida, ela deixou escapar um suspiro.

— Olha — ela começou.

Depois de uma pausa, ele se recostou. — Eu estou olhando.

— O que eu quis dizer é. . merda. Merda. — Ela caminhou até a janela, para a porta e virou-se novamente.

As regras de um casamento — e droga, um dos benefícios dele, ela admitiu — ditavam que ela poderia dizer a ele o que ela achava difícil dizer até para si mesma.

— Eu tenho que viver com tantos deles. — Havia raiva nela por causa disso, e uma espécie de tristeza que ela nunca poderia explicar completamente. — Eles nem sempre desaparecem quando você fecha o caso, nunca vão embora se você deixar uma fenda. Eu tenho um exército de mortos em pânico na minha cabeça.

— A quem você defendeu — ele a lembrou. — Os assumiu, os representou.

— Sim, bem, isso não significa que eles vão dizer “Obrigada, amiga” e então afastar-se dos mortais ou algo assim.

— Isso seria perturbador, e eles já se foram antes de você chegar lá.

— Exatamente. Mortos. Mas eles ainda têm rostos, vozes e dor, pelo menos na minha cabeça. Eu não preciso pensar em um deles andando por aí me enviando mensagens do além. É demais, isso é tudo. É demais se eu tiver que começar a me perguntar se há algum espírito pairando sobre meu ombro para me certificar de que eu faça meu trabalho.

— Está bem.

— Simples assim?

— Querida Eve — ele disse com a paciência fácil com a qual ele podia desnorteá-la e confundi-la nos momentos mais estranhos. — Nós já não provamos que eu e você não temos que ter exatamente a mesma opinião sobre todas as questões? E não seria chato se nós tivéssemos?

— Talvez. — A tensão escorreu de volta para fora dela. — Acho que sim. Eu nunca esperei que você acreditasse e aceitasse algo como isso.

— Então, talvez eu não deveria dizer-lhe isso, mas se eu morrer primeiro, eu estou planejando voltar para vê-la nua o mais rápido possível.

Seus lábios tremeram, como ele pretendia. — Eu vou estar velha, com meus peitos pendurados na minha cintura.

— Você não tem peitos suficientes para pendurar para baixo.

Ela apertou os lábios e olhou para baixo como se estivesse verificando.

— Você tem razão. Então, estamos bem agora?

— Nós podemos estar, se você vir aqui e me beijar. Um pagamento pelo insulto.

Ela revirou os olhos. — Nada é grátis por aqui. — Mas ela contornou a mesa e inclinou-se para tocar seus lábios nos dele.

No momento em que ela o fez, ele a puxou para baixo em seu colo. Ela já esperava por isso — ela o conhecia muito bem — mas ela estava disposta a ceder aos desejos dele.

— Se você acha que eu vou dar uma de secretária bimbo e o executivo com tesão...

— Houve realmente alguns insultos — ele interrompeu. — E você me lembrou que você vai ficar velha, eventualmente. Eu devo aproveitar sua juventude e vitalidade e vê-la nua agora.

— Eu não vou ficar nua. Ei! Ei!

— Senti-la nua, então — ele emendou, enquanto suas mãos já estavam sob seu suéter e em seus seios. — As coisas boas estão em pacotes pequenos.

— Oh, é? É isso o que eu deveria dizer sobre o seu equipamento?

— Insultos atrás de insultos. — Rindo, ele deslizou a mão em torno de suas costas para segurá-la mais firmemente no lugar. — Você tem um monte de pedidos de desculpas a fazer.

— Então eu acho que é melhor eu começar.

Ela colocou bastante vigor no beijo, balançando ao redor para ficar em cima dele. Precisaria de alguma agilidade, bem como vitalidade para dar um pedido de desculpas sério em sua cadeira, mas ela achou que estava preparada para o trabalho.

Ele a fazia sentir tantas coisas, todas elas vitais e imediatas. A fome, o humor, o amor, a luxúria. Ela podia sentir seu calor por ela, sua ganância por ela enquanto sua boca arrebatava a dela. Seu próprio corpo encheu com o mesmo calor e fome enquanto ele puxava suas roupas.

Aqui estava a vida dele — nesta mulher complicada. Não apenas o comprimento longo e sedutor dela, mas a mente e o espírito dentro do corpo. Ela poderia excitar e frustrar, seduzir e perturbar — e tudo o que havia nela de alguma forma conseguia se encaixar nele, tornando-o completo.

Agora ela o cercou, movendo aquele corpo, usando aquelas mãos rápidas, em seguida levando-o para dentro dela com um ronronar baixo e longo de satisfação. Eles conduziram um ao outro, arrematararam um ao outro e, em seguida, o ronronar tornou-se um gemido alegre.

— Eu acho que estamos quites — ela conseguiu dizer.

— Você ainda pode ter algum crédito.

Por um momento, ela se enrolou nele, descansando a cabeça em seu ombro. — Fantasmas provavelmente não podem transar em uma cadeira de escritório.

— É pouco provável.

— É duro estar morto.

*** * ***

Às oito e quinze da manhã, Eve estava em seu escritório na Central, franzindo a testa para os relatórios dos peritos e da DDE.

— Nada. Eles não conseguiram encontrar nada. Nenhum sinal de vigilância eletrônica, parafernália holográfica, áudio, vídeo. Nadica.

— Pode ser que você tenha tido uma experiência paranormal na noite

passada.

Eve lançou um olhar frio para Peabody. — Paranormal o cacete.

— Casos têm sido documentados, Dallas.

— Maníacos têm sido documentados, também. Deve ser um membro da família. É aí que vamos prosseguir. Isso e o que quer que Hopkins podia ou não ter tido em sua posse que seu assassino queria. Comece com os membros da família. Vamos eliminar quem tiver álibis sólidos. E vamos começar daí.

Ela olhou para sua mesa quando seu *tele-link* tocou — mais uma vez — e, olhando o visor, zombou. — Outro repórter. Nós não vamos alimentar os cães nesse caso até que eu ordene. Analise todas as suas chamadas recebidas. Se você ficar encurralada, diga que não tem comentários, a investigação está ativa e em andamento. Ponto.

— Já entendi. Dallas, como foi ontem à noite? Foi assustador ou incrível?

Eve começou a se irritar, em seguida, soltou um suspiro. — Assustador, depois fiquei irritada por que algum idiota tinha brincado comigo e fez a minha pele se arrepiar por um minuto.

— Mas foi meio frígido também, certo? O fantasma de Bobbie Bray cantando serenatas para você.

— Se eu acreditasse que era o fantasma de alguém, eu diria que estava

me sentindo mais irritada do que entretida. O que alguém quer é que a gente ache que não somos bem-vindos no Número Doze. Está tentando nos assustar. Eu estou com as anotações de Feeney do relatório da DDE. Ele diz que alguns de seus rapazes a ouviram cantar. Outro jura que sentiu algo dar um tapa em sua bunda. O mesmo ocorreu com os peritos. Histeria em massa.

— Fiz uma pesquisa, e descobri que dois dos proprietários anteriores tentaram exorcismos. Contrataram sacerdotes, videntes, parapsicólogos, esse tipo de negócio. Nada funcionou.

— Caramba, o mumbo não se livrou do jumbo**1**? Por que isso não me surpreende? Pegue o *tele-link*, comece a verificar álibis.

Eve pegou sua parte, eliminou dois, e acabou ligando para a filha de Serenity Massey na casa da mulher em Scottsdale.

— Não são nem sete horas da manhã.

— Sinto muito, Srta. Sawyer.

— Não são nem sete horas — disse a mulher, irritada, — e eu já recebi três telefonemas de repórteres e outro da enfermeira-chefe do centro de apoio da minha mãe. Você sabia que algum repórter tentou chegar até ela? Ela tem demência grave, mal consegue se lembrar de mim quando eu vou vê-la, e algum repórter idiota tentou entrevistá-la sobre Bobbie Bray. Minha mãe nem a *conhecia*.

— Sua mãe sabia que ela era filha de Bobbie Bray?

O rosto magro e cansado da mulher ficou em branco. Mas estava lá em seus olhos, claro como vidro. — O que você disse?

— Ela sabe, então, e certamente você também.

— Eu não quero que a minha mãe seja perturbada nem por jornalistas, e nem pela polícia.

— Não tenho a intenção de perturbar sua mãe. Por que você não me diz quando e como ela descobriu que ela era filha de Bobbie, não sua irmã.

— Eu não sei. — A Srta. Sawyer esfregou as mãos sobre o rosto. — Ela não tem estado bem há muito tempo, há muito tempo mesmo. Mesmo quando eu era criança... — Ela baixou as mãos e agora parecia mais do que cansada. Ela parecia prestes a vomitar. — Tenente, isso é necessário?

— Eu tenho dois assassinatos. Ambos parentes seu. Você me diz.

— Eu não considero a família de Hopkins como parentes. Por que eu devia? Sinto muito que o homem foi morto porque descobriu tudo isso. Eu tenho tido o cuidado de separar a mim e a minha própria família do fenômeno Bobbie. Por que você não verifica isso? Eu nunca tinha dado uma entrevista, nunca concordei com uma ou procurei por uma.

— Por quê? É uma fonte de riqueza, pelo que posso ver.

— Porque eu queria ser *normal.* Eu tenho o direito a isso, assim como os meus filhos. Minha mãe sempre foi frágil. Delicada, de mente e corpo. Eu

não, e eu fiz questão de me certificar que eu e os meus se mantivessem fora desse redemoinho. Se vazar que eu sou neta de Bobbie em vez de uma sobrinha-neta, eles vão me perseguir.

— Eu não posso prometer manter isso quieto, só posso prometer a você que eu não vou dar entrevistas sobre essa área da investigação. Eu não vou dar o seu nome ou os nomes dos membros de sua família.

1 ***Mumbo Jumbo:*** *é uma expressão da Língua Inglesa ou frase que expressa uma situação ou acontecimento sem sentido. É frequentemente usada como forma de comédia ao se expressar uma crítica em diversos setores, é uma forma não pronunciável de se falar sobre uma crença em algo considerado*

"não-existente" ou surreal, como fantasmas, fenômenos sobrenaturais, superstições, crendices etc., ou

sobre rituais de uma religião que o falante não acredita feita numa linguagem que ele não entende.

— Bom para você — disse Sawyer entediadamente. — Eles já estão lá fora.

— Então não vai te machucar responder a algumas perguntas. Como sua mãe descobriu sobre sua origem?

— Ela disse para mim e meu irmão que ela encontrou cartas que Bobbie tinha escrito. A mãe de Bobbie estava com elas. Ela escreveu perguntando como seu bebê estava, chamando minha mãe pelo nome. Sua Serenity, era assim que ela a chamava, como se ela fosse um estado de espírito, em vez de uma criança que precisava da sua mãe.

A amargura nas palavras disse a Eve que ela não estava falando com um dos fãs de Bobbie Bray.

— Dizia que ela sentia muito por ter estragado tudo novamente.

Minha mãe alegou que Bobbie disse que ia voltar para a reabilitação, que estava deixando Hop, que fez uma cena. Ela ia ficar limpa e voltar para sua filha. É claro que ela nunca mais voltou. Minha mãe estava convencida que Hop tinha matado ela, ou mandou matá-la.

— O que você acha?

— É possível, talvez. — As palavras eram o equivalente a um encolher de ombros. — Ou talvez ela foi para Bimini para vender conchas à beira-mar. Talvez ela voltou para San Francisco e pulou da ponte Golden Gate. Eu não sei e, francamente, não me importo.

Sawyer deixou escapar um longo suspiro e pressionou os dedos em seus olhos. — Ela não era, e não é, parte do meu mundo. Mas ela tornou-se o mundo da minha mãe. Mamãe jurava que o fantasma de Bobbie costumava visitá-la, que falava com ela. Eu acho que é parte da razão, essa obsessão, pela qual ela tem sido atormentada por problemas emocionais e mentais, desde que me lembro. Quando meu irmão foi morto nas Guerras Urbanas, isso simplesmente a devastou. Ele era o seu favorito.

— Você tem as cartas?

— Não. Aquele homem, Hopkins, ele rastreou a minha mãe. Eu estava

na faculdade, meu irmão estava no exterior, isso foi há cerca de trinta anos atrás. Ele pediu a ela quase tudo o que ela tinha que era de Bobbie ou que pertencia a ela. Gravações originais, cartas, diários, fotografias. Ele disse que ia abrir uma espécie de museu na Califórnia. Nada disso jamais aconteceu. Meu irmão chegou em casa e descobriu. Ele ficou furioso. Ele e minha mãe tiveram uma briga horrível, uma que nunca tiveram a chance de se reconciliar. Agora ele se foi e ela praticamente se foi também. Eu não quero ser o legado de Bobbie Bray. Eu só quero viver a minha vida.

Eve terminou a transmissão, inclinando para trás em sua cadeira. Ela estava apostando que eram as cartas que o assassino queria.

Com Peabody, ela voltou para o apartamento de Hopkins para outra busca minuciosa.

— As cartas que Bobbie escreveu confirmam que ela teve um filho com Hop. As cartas ou algum tipo de documento ou gravação de Hop que levou seu neto até Serenity Massey. Algo explosivo e, portanto, valioso — ela disse a sua parceira. — Eu aposto que ele tinha um esconderijo seguro. Uma caixa-forte, um cofre. Vamos começar uma busca nas caixas de banco em seu nome ou pseudônimos prováveis.

— Talvez ele levou com ele e o assassino o pegou.

— Eu acho que não. O porteiro disse que ele saiu de mãos vazias. Algo assim, calculando o valor, ele levaria em uma mala, em uma carteira. O cara

gostava de acessórios, bons ternos e sapatos, relógios antigos, mas por que o truque com algo que ele ia ganhar? Mas. . ele estava atrás de dinheiro. Talvez ele os vendeu, ou, pelo menos, pendurou.

— Bygones?

— Vale a pena um passeio.

* * *

Na porta, Eve parou e virou-se para estudar o apartamento de novo.

Não haveria fantasmas aqui, ela pensou. Não havia nada aqui além do ar bolorento, de sonhos antigos.

Legados, ela pensou enquanto fechava a porta. Hopkins deixou uma das ambições não cumpridas, o que a mente dela carregava quando deixou seu pai.

A neta de Bobbie Bray havia trabalhado duro para se afastar da sua própria herança, para viver com simplicidade. Não queria ser o legado de Bobbie Bray. Eve lembrou.

Quem poderia culpá-la? Ou qualquer outra pessoa, a propósito.

— Se você tem em mãos porcaria e decepção, se *herdou* isso — Eve alterou, — o que você faz?

— Depende, eu acho. — Peabody franziu a testa enquanto se dirigiam para baixo. — Você poderia chafurdar nela e amaldiçoar seus antepassados, ou se afastar dela.

— Sim. Você poderia tentar chafurdar em ouro e viver uma vida boa, como Hopkins. Obcecado por isso como a filha de Bray. Ou você pode fechar essa porta e ir embora. Como a neta de Bray.

— Ok. E?

— Há mais de uma maneira de fechar essa porta. Você dirige — Eve disse quando elas estavam do lado de fora.

— Dirigir? Eu? Não é nem mesmo o meu aniversário!

— Dirija, Peabody. — No banco do passageiro, Eve pegou seu tablet e abriu os dados de identificação militar de John Massey. Ela inclinou a cabeça enquanto ela estudava a foto.

Ele era jovem e saldável. Um pouco suave ao redor da boca, pensou, um pouco inocente nos olhos. Ela não viu nenhum dos seus avós nele, mas ela viu algo mais.

Traços herdados, ela pensou. Legados.

Usando o *tele-link*, ela contatou o artista da polícia, o Detetive Yancy.

— Tenho uma tarefa para você — ela disse a ele. — Eu vou mandar para você uma foto de identidade. Eu preciso que você a envelheça para mim.

CAPÍTULO OITO

ve fez Peabody parar no banco que Hopkins tinha usado para o seu empréstimo para o Número Doze. Mas não havia cofre listado em E seu nome, no de Bray ou em outra combinação.

Para a decepção de Peabody, Eve assumiu o volante quando elas saíram do banco.

Ela não poderia justificar pedir a Roarke para fazer a busca de um cofre, embora isso passou por sua mente. Ele poderia, sem dúvida, identificar se havia algum para ser identificado mais rápido que ela podia. Ainda mais rápido do que a DDE. Mas ela não podia chamar isso de uma questão de vida ou morte.

Apenas uma questão de irritação.

Ela mandou uma solicitação para Feeney atribuir a tarefa para o especialista da DDE, e o amado de Peabody, Ian McNab, enquanto ela e Peabody voltavam para Bygones.

— McNab vai ficar completamente agitado com isso. — Sorrindo, como se até mesmo dizer seu nome colocasse uma aparência estúpida em seu rosto, Peabody se mexeu no banco do passageiro. — Procurando por um fantasma e tudo isso.

— Ele está procurado um cofre de banco.

— Bem, sim, mas de uma forma indireta, é sobre Bobbie Bray e o fantasma da mesma. Sobre o Número Doze.

— Pare de dizer isso. — Eve queria agarrar seu próprio cabelo e arrancar, mas suas mãos estavam atualmente ocupadas no volante. Ela usou aquelas mãos para desviar em torno de um maxiônibus com algumas

camadas de tinta de sobra. — Eu vou escrever uma ordem proibindo qualquer pessoa dentro de três metros de mim de dizer *Número Doze* isso, ou aquilo em um sussurro aterrorizado.

— Mas você acabou de dizer. Você sabia que existem vários livros e vídeos baseados no Número Doze, em Bobbie e em todo esse negócio? Eu fiz uma pesquisa. McNab e eu baixamos um dos vídeos na noite passada. Era meio falso, mas ainda assim. E nós estamos trabalhando no caso. Talvez eles façam um vídeo *disso*, você sabe, como eles fizeram no caso Icove. É totalmente demais. Nós vamos ser famosas e...

Eve parou em um sinal, virou seu corpo lentamente, de modo que ela enfrentou sua parceira. — Você nem respire esse pensamento, ou eu vou sufocá-la até que seus olhos pulem direto para fora das órbitas, e então caiam em sua boca ofegante e aberta onde você vai comê-los inteiros. E sufocar até a morte com seus próprios olhos.

— Bem, caramba.

— Pense nisso, pense com cuidado, antes de respirar de novo.

Peabody se curvou em seu banco e manteve sua respiração tão mínima quanto possível.

Quando encontraram a loja fechada e trancada, eles desviaram para o endereço residencial no registro.

Maeve abriu a porta de três níveis de arenito. — Tenente, Detetive.

— Fechou a loja, Srta. Buchanan?

— Por um ou dois dias. — Ela empurrou os cabelos. Eve observou o movimento, o jogo de luz no vermelho marcante. — Fomos invadidos ontem, cerca de uma hora depois que você saiu. Oh, entrem, por favor. Estou um pouco nervosa esta manhã.

— Invadidos? — Eve repetiu quando ela entrou em um corredor longo e estreito iluminado por vitrais que deixavam entrar o sol de inverno.

— Por clientes, e a maioria deles à procura de pechinchas. Ou queriam ficar de boca aberta sobre a coleção de Bobbie Bray. — Maeve, vestida com calças brancas soltas, um suéter branco e macio e botas brancas meia-perna liderou o caminho através de uma ampla porta de entrada para um salão espaçoso.

Bem ordenado, pensou Eve, mas não espalhafatoso. Antiguidades — ela sabia como reconhecer coisas verdadeiras, já que Roarke tinha uma propensão para elas. Almofadas bem cheias em cores ricas, tapetes antigos, o que parecia ser velhas fotografias preto e branco em molduras de estanho decorando as paredes.

Não havia almofadas de gel, nem tela de humor, nenhuma unidade de entretenimento à vista. Coisas do velho mundo, Eve decidiu, muito parecido com o seu local de trabalho.

— Por favor, sentem-se. Eu tenho chá ou café.

— Não se preocupe com isso — Eve disse a ela. — Seu pai está aqui?

— Sim, lá em cima no escritório. Estamos trabalhando a partir daqui, pelo menos por hoje. Estamos enterrados em investigações sobre nossa coleção de Bray, e podemos lidar com isso de casa.

Ela se moveu ao redor da sala, ligando as luzes com tons coloridos. — Normalmente, nós adoramos a caminhada pelo tráfego até a loja, mas não quando é um desfile de circo. Como somos apenas nós dois, nós simplesmente não conseguimos lidar com isso. Temos um monte de mercadorias facilmente comercializadas.

— E quanto a cartas?

— Cartas?

— Vocês vendem esse tipo de coisa? Cartas, diários, revistas?

— Nós vendemos sim. É sobre Bobbie de novo? — Maeve voltou a sentar-se à beira de uma cadeira e cruzou as pernas. — Nós temos o que foi autenticado como uma carta que ela escreveu a um amigo que tinha feito em São Francisco em. . 1968. Dois cadernos que contêm letras originais das músicas que ela tinha escrito. Pode haver mais, mas são esses que me vêm à mente.

— E quanto a cartas para a família, de seus anos em Nova York?

— Eu acho que não, mas posso verificar o inventário. Ou apenas perguntar ao meu pai — ela acrescentou com um sorriso rápido. — Ele tem

todo o inventário em sua cabeça, eu juro. Eu não sei como ele faz isso.

— Talvez você poderia perguntar se ele poderia nos poupar alguns minutos.

— Absolutamente.

Quando ela hesitou, Eve lhe perguntou. — Existe algo mais, algo que você lembre?

— Na verdade, eu tenho meio que lutado contra isso. Eu não acho que isso faça alguma diferença. Eu não quero dizer nada na frente do meu pai.

— Ela olhou para a porta, em seguida, girou levemente, nervosamente, pensou Eve, um dos aros de prata que ela usava em suas orelhas. — Mas. . bem, o Sr. Hopkins, Rad, ele meio que deu em cima de mim. Flertou, você sabe. Me convidou para sair para jantar, ou beber. Ele disse que eu poderia ser uma modelo, e ele podia me arranjar um fotógrafo que faria meu portfólio com um desconto.

Ela corou, a cor rosa crescendo em suas bochechas, e limpou a garganta. — Esse tipo de coisa.

— E você foi? Beber, jantar, a uma sessão de fotos?

— Não. — Ela corou um pouco mais profundo. — Eu sei quando eu estou entrando em uma furada. Ele tinha idade para ser meu pai, e bem, não era realmente o meu tipo. Eu não vou dizer que ele não era atraente. Na verdade, ele era charmoso. E não era desagradável, se você sabe o que quero

dizer. Eu não quero que você pense. .

Ela acenou com a mão no ar. — Ele era todo amigável e tolo. Eu poderia até mesmo ter estado tentada, apenas por diversão. Mas eu tenho saído com alguém, e está se transformando em alguma coisa. Eu não quero estragar tudo. E, francamente, meu pai não teria gostado.

— Por que?

— Pela diferença de idade, e pelo tipo de homem que Rad era. Oportunista, com múltiplos casamentos. Além disso, ele era um cliente e isso poderia ficar desagradável. De qualquer maneira. — Maeve soltou um suspiro longo e aliviado. — Ele estava me incomodando por eu não ter mencionado isso para você, e que você podia ouvir sobre isso e achar que eu estava escondendo alguma coisa.

— Eu aprecio isso.

— Eu vou chamar o meu pai — ela disse, enquanto se levantava. — Vocês têm certeza que não querem tomar café? Chá? Está muito frio lá fora hoje. — Eu não me importaria — Peabody interpôs. — À sua escolha. Café para a tenente, sempre puro.

— Certo. Eu voltarei em alguns minutos. Fiquem à vontade.

— Ela ficou um pouco envergonhada com a coisa com Hopkins. Ela queria nos servir alguma coisa — Peabody disse quando Maeve saiu da sala.

— Faz com que seja mais fácil para ela.

— Parece que sim. — Eve ficou de pé e vagou pela sala. Ela estava arrumada, com uma sensação familiar e com um brilho fino de classe. As fotos eram de cidades artisticamente em preto e branco, o material com aparência antiga. Ela estava franzindo a testa sobre uma quando Buchanan entrou. Como a sua filha, ele estava usando roupas de ficar em casa. E ainda conseguia parecer digno em um suéter azul e calça cinza.

— Senhoritas. O que posso fazer por vocês?

— Você tem uma bela casa, Sr. Buchanan — Peabody começou. — Algumas peças antigas maravilhosas. Tenente, isso me faz pensar se Roarke já comprou alguma coisa do Sr. Buchanan.

— Roarke? — Buchanan deu a Peabody um olhar perplexo. — Ele adquiriu algumas peças nossas. Você não está querendo dizer que ele é um suspeito disso.

— Não. Ele é o marido da Tenente Dallas.

— É claro, eu esqueci por um momento. — Ele desviou o olhar para Eve com um sorriso. — Meu negócio me mantém muito no passado, os eventos atuais às vezes passam despercebidos por mim.

— Aposto que sim. E falando do passado — Eve continuou, — nós estamos interessadas em quaisquer cartas, revistas, diários que você possa ter que dizem respeito a Bobbie Bray.

— Esse é um nome que eu ouvi inúmeras vezes hoje. Maeve

provavelmente dever ter dito que é por isso que decidimos trabalhar em casa. E aqui está ela.

Maeve empurrava um carrinho de servir comidas com rodinhas trazendo potes de porcelana e xícaras.

— Justo o que precisamos. Eu coloquei os *tele-links* no automático — seu pai disse a ela. — Nós podemos fazer uma pequena pausa. Cartas. — Ele se sentou enquanto Maeve servia café e chá. — Nós temos algumas que ela escreveu para amigos em São Francisco em 1968 e 1969. E uma das coisas mais valiosas é um caderno que contém rascunhos de algumas de suas letras de músicas. Ele poderia, de certa forma, ser considerado uma espécie de diário também. Ela escreveu alguns de seus pensamentos no mesmo, ou observações para si mesma. Pequenos lembretes. Eu recebi inúmeras indagações justamente sobre isso esta manhã. Incluindo uma de um tal de Cliff Gill.

— O filho de Hopkins?

— Foi o que ele disse. Ele ficou muito irritado, quase incoerente, na verdade. — Buchanan acariciou a mão de Maeve quando ela passou para ele uma xícara. — É compreensível, dadas as circunstâncias.

— E ele estava procurando especificamente as cartas? — perguntou Eve.

— Ele disse que seu pai havia mencionado as cartas, uma bomba, nas

palavras dele. O Sr. Gill deduziu que seu pai e eu tínhamos feito negócios e esperava que eu pudesse saber do que se tratava. Eu acho que ele espera limpar o nome de sua família.

— Você vai ajudá-lo com isso?

— Eu não vejo como. — Buchanan estendeu as mãos. — Não tenho nada que lhe pertença.

— Se havia algo que lhe pertencia, ou correspondências escritas perto da época de seu desaparecimento, você saberia sobre isso?

Ele apertou os lábios em reflexão. — Eu certamente ouviria alguma coisa sobre isso. Há sempre rumores, é claro. Vários anos atrás, alguém tentou leiloar o que dizia ser uma carta escrita por Bobbie dois anos após seu desaparecimento. Era uma falsificação, e houve um escândalo.

— Houve fotos também — acrescentou Maeve. — Supostamente tiradas de Bobbie depois que ela desapareceu. Nada jamais foi autenticado.

— Exatamente. — Buchanan assentiu. — Então fundamentar os rumores e as reivindicações, bem, isso é uma questão diferente. Você sabe de alguma correspondência dessa época, Tenente?

— Eu tenho uma fonte alegando que há algumas.

— Interessante. — Seus olhos brilharam. — Se elas são autênticas, adquiri-las seria uma grande jogada.

*** * ***

— Você tinha que mencionar o nome dele, Peabody? — Eve deu a sua parceira um olhar suave quando ela deslizou atrás do volante.

— Roarke fez negócios lá antes, e vocês foram lá juntos. Mas ele não mencionou Roarke de nenhuma maneira. E estando nos negócios, eu percebi que Buchanan mantém o controle de seus clientes mais endinheirados, você sabe, e deveria ter feito uma conexão imediata.

— Sim, você pensaria. Razão plausível para ele não ter pensado.

— Você se perguntou, também.

— Eu me pergunto todos os tipos de coisas. Vamos nos perguntar no nosso caminho para falar com Cliff Gill.

Como Bygones, a escola de dança estava trancada. Mas como Fanny Gill morava no apartamento em cima, era uma viagem curta.

Cliff atendeu parecendo corado e perturbado. — Graças a Deus! Eu estava prestes a entrar em contato com você.

— Por que?

— Nós tivemos que fechar a escola. — Ele deu uma olhada rápida de um lado para o outro do corredor estreito, em seguida, fez um gesto para dentro. — Eu tive que dar a minha mãe um tranquilizante.

— Por que?

— Oh, isso está uma bagunça horrível. Eu estou fazendo um Bloody Mary.

Ao contrário da casa de Buchanan, o apartamento de Fanny era cheio de cores brilhantes e berrantes, um monte de tecidos transparentes e cromados. *Funk artístico,* Eve supunha. Parecia seriamente ao ponto de parecer bagunçado.

Cliff estava parecendo bastante mal também, Eve observou. Ele não tinha feito a barba, e parecia que ele tinha dormido com o moletom que ele estava usando. Olheiras preenchiam seus olhos.

— Eu fiquei a noite aqui — ele começou a dizer enquanto ele estava na cozinha adjacente servindo vodca. — Pessoas vieram para o estúdio ontem à tarde, algumas delas dizendo coisas horríveis. Ou elas ligavam, deixando transmissões horríveis e desagradáveis. Eu desliguei os *tele-links* dela. Ela simplesmente não aguentava mais.

Ele acrescentou suco de tomate o suficiente e tabasco para tornar a vodca vermelha, em seguida, tomou um gole rápido. — Aparentemente, estamos sendo pintados com o mesmo pincel que o meu avô. Como descendentes de Satã. — Ele tomou outro gole longo, e então corou. — Sinto muito. Sinto muito, posso pegar algo para vocês?

— Não queremos nada — Eve disse a ele. — Sr. Gill, você foi ameaçado?

— Com tudo, desde a condenação eterna até o açoitamento público. Minha mãe não merece isso, Tenente. Ela não fez nada além de escolher mal

no departamento de marido, o que ela retificou. Pelo menos sou eu quem carrego o mesmo sangue de Hopkins. — Sua boca ficou sombria. — Se você pensar nesse sentido.

— Você pensa?

— Eu não sei mais o que pensar. — Ele voltou para a sala de estar, caiu sobre um sofá rosa empilhado com almofadas macias. — Pelo menos eu sei o que sentir agora. Raiva, e um pouco de terror.

— Você relatou alguma das ameaças?

— Ela me pediu que não. — Ele fechou os olhos, parecendo reunir alguns trapos esfarrapados de compostura. — Ela está envergonhada e com raiva. Ou ela começou desse jeito. Ela não queria tornar isso uma grande coisa. Queria apenas se manter quieta. Ela lida com as coisas, a minha mãe, ela não desmorona. Mas isso acabou abatendo seus planos. Ela tem medo de perdermos a escola com toda a publicidade e o escândalo. Ela trabalhou tão duro, e agora isso.

— Eu quero que você faça uma cópia das transmissões com relação a isso. Nós vamos cuidar disso.

— Ok. Ok. — Ele passou os dedos pelo cabelo desordenado. — Essa é a coisa certa a se fazer, não é? Eu apenas não estou pensando direito. Eu não consigo ver o que devo fazer.

— Você contatou o proprietário de uma loja chamada Bygones.

Importa-se de me dizer por quê?

— Bygones? Oh, oh, certo. O Sr. Buchanan. Meu pai vendeu-lhe alguns objetos. Eu acho que talvez Buchanan foi um dos investidores do Número Doze. Meu pai falou dele quando eu lhe dei os quinhentos. Disse algo como Bygones pode ser passado, mas ele não iria economizar dinheiro mais. Disse que ia me pagar de volta dez vezes mais que os quinhentos, porque ele estava prestes a ganhar uma bolada.

— Alguma bolada específica?

— Ele falava muito, o meu pai. Se gabava, na verdade, e um monte da gabação era apenas tagarelice. Mas ele disse que tinha um ás na manga, que estava esperando o momento certo. E que ele estava chegando.

— O que era esse ás na manga?

— Não posso dizer que ele realmente tinha um. — Cliff soltou um suspiro. — Honestamente, eu realmente não ouvi porque era o mesmo papo velho de sempre. E eu queria que ele fosse embora antes que minha mãe ficasse sabendo do empréstimo. Mas ele disse algo sobre cartas que Bobbie Bray havia escrito. Uma notícia bombástica, disse ele, que ia dar ao Número Doze o impulso que ele precisava. Eu não prestei muita atenção na hora, porque era principalmente muita besteira.

Ele estremeceu agora e voltou a beber. — Não é muito legal dizer essas coisas sobre o seu pai morto, não é?

— Ele estar morto não o torna mais pai para você, Sr. Gill — Peabody disse gentilmente.

Os olhos de Cliff ficaram úmidos por um momento. — Acho que não. Bem, quando tudo isso começou a acontecer, me lembrei de como ele falava sobre essas cartas, e eu pensei que talvez ele as vendeu para Bygones. Talvez houvesse algo nelas que iria limpar o nome do meu avô. Alguma coisa, eu não sei. Talvez ela se suicidou e ele entrou em pânico.

Ele abaixou a cabeça, esfregou a palma da mão no centro de sua testa como se para afastar um pouco da dor. — Eu não me importo, ou não me importava, mas isso está caindo sobre a minha mãe. Eu não sei o que eu esperava que o Sr. Buchanan fizesse. Eu estava desesperado.

— O seu pai lhe deu qualquer indicação do conteúdo das cartas? — perguntou Eve. — A época delas?

— Na verdade, não. Na época, eu pensei que era apenas para proteger seu orgulho, porque eu estava dando-lhe dinheiro. Provavelmente era. Buchanan disse que não tinha comprado todas as cartas do meu pai, mas eu poderia ir lá e olhar o que ele tinha. É desperdício de tempo, eu acho. Mas ele foi legal a respeito disso, Buchanan, eu quero dizer. Simpático.

— Você já discutiu isso com a sua mãe? — Peabody perguntou-lhe.

— Não, e eu não vou. — Qualquer dor pareceu queimar enquanto a raiva cobria seu rosto. — É uma coisa terrível de se dizer, mas ao morrer, o

meu pai lhe trouxe mais problemas do que quando ela se divorciou dele. Eu não vou acrescentar mais isso. É uma busca inútil, de qualquer maneira. — Ele franziu a testa para seu copo. — Eu tenho que fazer alguns arranjos para. . para o corpo. Cremação, eu acho. Eu sei que é frio, mas eu não vou fazer nenhum tipo de serviço ou memorial. Eu não vou prolongar mais isto. Nós apenas temos que superar isso.

— Sr. Gill..

— Cliff — ele disse a Eve com um sorriso fraco. — Você deve me chamar de Cliff já que estou despejando todos os meus problemas em você.

— Cliff. Você sabe se o seu pai tinha um cofre?

— Ele não teria me dito. Nós não nos víamos muito. E eu não sei o que ele teria guardado em um. Eu recebi um telefonema de um advogado esta manhã. Ele disse que meu pai tinha feito um testamento, e eu era o herdeiro. Eu pedi a ele para me dar uma estimativa, e a essência foi que quando tudo estiver acertado, eu vou ter a sorte de ter créditos suficientes para comprar um cachorro quente de soja em um carrinho de esquina.

— Eu acho que você estava esperando algo melhor — Peabody comentou.

Cliff soltou uma risada curta e sem humor. — Esperar algo melhor de Rad Hopkins seria outra perda de tempo.

CAPÍTULO NOVE

ocê tem que sentir pelo cara. — Peabody enrolou seu
cachecol em volta do pescoço, enquanto caminhavam de
—V volta para fora.
— Nós vamos passar a cópia das suas chamadas do *tele-link* para alguns uniformizados corpulentos, vamos bater em algumas portas e emitir algumas advertências severas. É tudo o que podemos fazer por enquanto. Vamos voltar para a Central. Eu quero uma rápida consulta com Mira, e você pode atualizar o comandante.
— Eu? — A voz de Peabody guinchou. — Sozinha? Eu?
— Espero que o comandante Whitney esteja presente enquanto você
o está atualizando.
— Mas é você quem faz as atualizações.
— Hoje você vai fazer isso. Ele vai querer armar uma conferência de imprensa — Eve adicionou quando ela entrou em seu veículo. — Impeça-o.
— Meu Deus.
— Vinte e quatro horas. Faça isso colar — Eve adicionou e saiu para o tráfego enquanto Peabody ficava pálida e sem palavras ao lado dela.
Mira era a top em traçar perfis anexada ao Departamento de Polícia de Nova York por um bom motivo. Seu status a mantinha em alta demanda e fez o pedido de Eve para uma consulta sem compromisso ser semelhante a tentar espremer sua cabeça pelo buraco de uma agulha que já estava

ocupado.

Ela estava com uma dor de cabeça quando ela terminou de brigar com a secretária de Mira, mas ela conseguiu seus dez minutos.

— Você devia dar-lhe um chicote e uma corrente — Eve comentou quando ela entrou no escritório de Mira. — Não que ela precise.

— Você sempre conseguem passar por ela. Sente-se.

— Não, obrigada, vai ser bem rápido.

Mira se ajustou atrás de sua mesa. Ela era uma mulher elegante e linda que preferia terninhos bonitos. Hoje era um vermelho forte e adornado com pérolas.

— Isso está relacionado ao Número Doze — Mira começou. — Dois assassinatos, quase uma centena de anos de diferença. Suas consultas são raramente rotina. Bobbie Bray.

— Você também? As pessoas dizem seu nome como se ela fosse uma divindade.

— Elas dizem? — Mira recuou em sua cadeira, seus olhos azuis se divertindo. — Aparentemente, a minha avó realmente assistiu a sua performance no Número Doze pouco antes dela morrer na década de setenta. Ela alegou que trocou um favor sexual íntimo com o segurança pelo preço da entrada. Minha avó era uma mulher selvagem.

— Hum.

— E os meus pais são grandes fãs, então eu cresci ouvindo aquela voz, aquela música. Está confirmado, então? Eram seus restos mortais?

— A escultora forense do laboratório confirmou isso esta manhã. Eu tenho a imagem facial que ela reconstruiu a partir do crânio, e parece com Bray.

— Posso ver?

— Eu a tenho em arquivo. — Eve deu a Mira os códigos do computador, em seguida moveu-se de modo que ela também pudesse ver a imagem aparecendo na tela.

O rosto belo e trágico, os olhos fundos, os lábios cheios e carnudos de alguma forma irradiavam tanto juventude quanto problemas.

— Sim — Mira murmurou. — Certamente parece com ela. Há tristeza e cansaço nela, apesar de sua idade.

— Viver com drogas, álcool e sexo tende a deixá-lo triste e cansado.

— Suponho que sim. Você não simpatiza com ela?

Eve percebeu que ela deveria ter esperado essa pergunta de Mira. Sentimentos estavam na ordem do dia naquele escritório. — Eu simpatizo por qualquer um que receba uma bala no cérebro e em seguida tem o corpo escondido em uma parede. Ela merece justiça por isso, merece isso pelos policiais que olharam para o outro lado. Mas ela escolheu a vida que a levou a esse ponto. Quanto a parecer triste e cansada aos vinte e dois? Não, eu não

posso dizer que eu sinto por isso.

— Era uma época diferente — disse Mira, estudando Eve enquanto ela estudava a imagem na tela. — Minha avó sempre disse que você tinha que estar lá. Duvido que Bobbie teria entendido você e as escolhas que você fez mais do que você entende ela e as escolhas dela.

Mira sacudiu a tela apagada. — Há mais para fundamentar a identidade?

— Os ossos que nós recuperamos tinha uma tíbia esquerda quebrada, o que corresponde com uma lesão de infância documentada em Bray. Nós extraímos o DNA, e eu tenho uma amostra de um parente a caminho do laboratório. Vai ser confirmado.

— Um trágico desperdício. Todo aquele talento destruído.

— Ela não viveu o que você poderia chamar de uma vida cautelosa.

— As pessoas mais interessantes raramente vivem. — Mira inclinou a cabeça. — Você certamente não.

— A minha é por causa do trabalho. A dela era por se drogar e trepar, é o melhor que eu posso dizer.

Agora Mira levantou uma sobrancelha. — Não só você não sente por ela, como você acha que não teria gostado dela.

— Não é possível imaginar que teríamos tido muito em comum, mas esse não é o problema. Ela teve uma filha.

— O quê? Eu nunca ouvi falar disso.

— Ela manteve isso em segredo. A probabilidade é que seja de Hop Hopkins, embora seja possível que ela ficou grávida em atividades paralelas. De qualquer forma, ela desapareceu, teve a criança, deixou-a com sua mãe. Enviou dinheiro para que a família pudesse se mudar para outro lugar. A mãe fez passar a criança como se fosse dela própria.

— E você acha isso deplorável, em todos os aspectos.

Irritação sombreou o rosto de Eve, muito brevemente. — Essa não é a questão também. A criança do sexo feminino, eventualmente, descobriu o seu patrimônio através das cartas que Bray supostamente escreveu para casa. Pouco antes de sua morte, de novo supostamente, alegou que ela estava planejando corrigir seu ato e voltar para a criança. Esse é o boato. A filha retransmitiu isso para seus dois filhos. Supostamente, as cartas e outros itens foram vendidos anos atrás, para Radcliff C. Hopkins, o último.

— Conexões dentro de conexões. E você acredita que esse é o motivo.

— Você sabe como Hopkins foi morto?

— As paredes estão zumbindo com isso. Violento, específico, pessoal, e de alguma forma ordenado.

— Sim. — Era sempre gratificante ter seus instintos confirmados. — O último tiro. Eis o que ele fez com ela. Há controle simples, uma programação cumprida, mesmo através da raiva.

— Deixe-me ver se eu entendi. Você suspeita que um descendente de Bobbie Bray matou um descendente de Hopkins para vingar seu assassinato.

— Isso é um pedaço disso. De acordo com a neta de Bray, o assassinato, o abandono, a obsessão minou a saúde da sua mãe. Com uma série de colapsos.

— Você suspeita da neta?

— Não, ela está coberta. Ela teve dois filhos, mas eu não consegui colocá-los em Nova York durante o tempo em questão.

— Quem estava fora?

— Havia um neto, reportado como morto durante as Guerras Urbanas.

— Ele tinha filhos?

— Nada nos registros. Ele era muito jovem, com apenas dezessete anos. Mentiu sobre sua idade quando se alistou; um monte de gente fazia isso naquela época. Curiosamente, ele foi dado como morto aqui em Nova York. Apertando os lábios, Mira considerou isso. — Como você é uma das mulheres mais pragmáticas que eu conheço, acho que é difícil acreditar que você está teorizando que um fantasma matou sua vítima para vingar outro fantasma.

— Carne e osso puxou o gatilho. Eu fiz Yancy envelhecer a foto da identidade militar. As Guerras Urbanas foram um momento caótico, e os últimos meses deles aqui em Nova York foram confusos do ponto de vista

de um militar. Seria difícil para um jovem, que já tinha mentido sobre sua idade para se alistar na Força Interna, colocar o seu documento de identificação oficial em um corpo mutilado e desaparecer? As guerras nunca são o que você acha que vai ser. Não é heroico e aventureiro. Ele poderia ter desertado.

— A história de doença mental na família, em ambos os lados, os horrores da guerra, a culpa de abandonar o seu dever. Seria um grande barril de pólvora. Seu assassino é propositado, específico no seu objetivo, e teria algum conhecimento de armas de fogo. O rumor é que a vítima foi baleada nove vezes, a arma em si é um símbolo, e não havia balas perdidas encontradas na cena.

— Ele acertou nove dos nove tiros, então ele tinha algum conhecimento de armas de fogo ou realmente uma boa sorte. Além disso, ele teve que recarregar para o nono tiro.

— Ah. Os outros foram por raiva, que manteve o controle instável. O último, uma assinatura. Ele conseguiu o que ele pretendia fazer. Pode haver mais, é claro, mas ele conseguiu o seu olho por olho, e ele teve o objeto da sua obsessão voltando à tona novamente.

— Sim. — Eve assentiu. — Eu estou achando que isso é importante.

— Com os restos de Bobbie localizados, identificados e seu assassino identificado, pelo menos pela mídia, ele cumpriu sua obrigação. Se o

assassino é o neto, ou ligado ao neto, mesmo que ele tenha morrido nas Guerras Urbanas é certamente possível ele ter tido um filho aos dezessete anos, e ele ou ela sabe como se manter oculto.

— É provável que apenas se mantenha oculto — Eve acrescentou.

— Provavelmente. Eu não acredito que o assassino vai procurar os holofotes. Ele não precisa de reconhecimento. Ele vai continuar sua rotina e, essencialmente, desaparecer novamente.

— Eu acho que eu sei onde encontrá-lo.

*** * ***

— Yancy fez um bom trabalho. — Eve segurou as fotos de John Massey, da juventude e da maturidade, lado a lado.

— Ele fez — Roarke concordou. — Como você, Tenente. Duvido que eu teria olhado para o menino e visto o homem.

— Isso se trata de heranças. Há muitos ruivos na família de Bray. Seu pai, sua filha. Seu neto.

— E o trabalho de Yancy indica que ele está vivo e morando em Nova York.

— Sim. Mas mesmo com isso eu não tenho nada além de instinto e teorias. Não há evidências ligando o suspeito ao crime.

— Você já fechou um caso sobre um assassinato que ocorreu décadas antes de você nascer — Roarke a lembrou. — Agora você está gananciosa.

— Meu suspeito atual fez a maior parte do trabalho lá. Achou o corpo, o desenterrou, me levou a ele. O resto foi basicamente o trabalho do laboratório e do legista. Já que o autor desse crime foi morto há muito tempo, não há nada a fazer além de marcar o arquivo e fazer o anúncio à mídia.

— Não é muito gratificante para você.

— Não quando alguém mata um substituto imaginando que equilibra as coisas. E faz jogos comigo. Então é a nossa vez de jogar. — Eve se moveu na limusine. Ela se sentia ridícula passeando no carro grande e preto. Mas ninguém esperaria que Roarke andasse de metrô, ou até mesmo usasse um táxi comum. Percepção era parte do jogo.

— Eu não posso lhe dar uma escuta — acrescentou ela. — Nunca obterei um mandado para isso com o que eu tenho. Você sabe o que dizer, certo? Como jogar?

— Tenente, tenha um pouco de fé.

— Eu tenho toda a que há. Tudo bem — acrescentou ela, esquivando-se um pouco para baixo para verificar fora da janela quando a limusine deslizou para o meio-fio. — Hora do show. Eu vou estar passeando ao redor nessa coisa, me certificando que o resto desta pequena encenação esteja dentro do cronograma.

— Uma pergunta. Você tem certeza que seu suspeito vai cair neste

jogo de vocês?

— Nada é uma certeza, mas eu acho que tem chances de isso acontecer. Obsessão é um poderoso motivador. O assassino está obcecado com Bray, com o Número Doze, e há um senso de teatralidade lá. Outro legado, eu diria. Nós balançamos a isca, ele a morde.

— Eu vou fazer um esforço para balançar provocativamente.

— Boa sorte.

— Me dê um beijo, então.

— Foi isso que você disse ontem à noite, e veja o que aconteceu. —

Mas ela deu-lhe um beijo rápido. Quando ele saiu da limusine, ela pegou seu *tele-link* para verificar o resto do jogo.

Roarke entrou na Bygones parecendo um homem com muito dinheiro e um olho para gastá-lo como ele gostava. Ele deu a Maeve um sorriso fácil e um caloroso aperto de mão. — Senhorita Buchanan? Eu aprecio você abrir para mim esta tarde. Bem, é quase noite, não é?

— Estamos felizes de lhe fazer um favor. Meu pai já vai atendê-lo. Você gostaria de uma taça de vinho? Eu tenho um cabernet muito bom respirando.

— Eu adoraria um. Eu conheci o seu pai, embora já faz três ou quatro anos, eu suponho, desde que fizemos negócios.

— Eu estava na faculdade. Ele mencionou que você tinha comprado

um aparador georgiano particularmente refinado e um conjunto de porcelana, entre outras coisas.

— Ele tem uma excelente memória.

— Ele nunca se esquece de uma coisa. — Ela ofereceu o vinho que ela tinha servido, em seguida, apontou para uma bandeja de prata de frutas e queijo. — Você gostaria de se sentar? Se preferir dar uma volta, eu posso apontar-lhe em uma direção, ou mostrar-lhe o que quer que você gostaria. Meu pai tem a peça que você perguntou. Ele queria ter certeza de que foi devidamente limpa antes de ele mostrar para você.

— Eu só vou esperar, então, se você se juntar a mim. — Quando ele se sentou, ele olhou para o retrato de Bobbie na parede distante. — É, na verdade, Bobbie Bray que colocou na minha mente para vir aqui.

— Oh? Há sempre interesse por ela e suas recordações, mas no último dia esteve aguçado.

— Eu imagino. — Ele se mexeu enquanto falava para que ele pudesse analisar as fotografias em preto e branco que Eve lhe falara. E, como ela tinha mencionado, eram paisagens desérticas. — Assim como eu imagino que não vai declinar muito em breve — continuou ele. — Certamente não com a publicidade que será gerada pelo caso finalmente ter sido resolvido.

As mãos de Maeve ficaram muito quietas por um momento. — É verdade, então?

— Eu tenho uma fonte de dentro, como você pode suspeitar. Sim, é verdade. Ela foi encontrada, depois de todos esses anos. E a evidência prova que foi Hopkins que escondeu seu corpo.

— Que horrível. Eu.. papai. — Ela levantou quando Buchanan entrou na loja. Ele carregava uma caixa de veludo. — Você se lembra de Roarke.

— É claro que sim. É bom vê-lo novamente. — Eles apertaram as mãos e sentaram. — As circunstâncias eram difíceis quando você esteve aqui recentemente com a sua esposa.

— Sim. Terrível. Eu estava dizendo a sua filha que eles confirmaram a identidade dos restos encontrados no Número Doze, e encontraram impressões digitais do primeiro Hopkins no interior da parede, em vários dos tijolos.

— Não há mais nenhuma dúvida, então.

— É difícil imaginar ele ficando louco, trancando-se naquele prédio, sabendo o que ele tinha feito, e que ela estava por trás daquela parede, onde ele a colocou. É um pouco semelhante à *O Coração Revelador*, na verdade. Mantendo a conversação, Roarke se acomodou com sua bebida. — Ainda assim, é fascinante, não é? Tempo e distância tendem a dar a esse tipo de brutalidade um fascínio. Ninguém consegue falar de qualquer outra coisa. E aqui estou eu, agindo da mesma forma. É quanto ao colar?

— Oh, sim. Sim. — Buchanan abriu a caixa, puxando para trás as folhas

de veludo. — Fascinante, não é? Todas essas pequenas contas foram amarradas à mão. Eu não posso comprovar que a própria Bobbie o fez, no entanto essa é a história. Mas ele foi usado por ela no Grammy Awards, em seguida foi dado por ela a um dos seus séquitos. Eu consegui adquiri-lo apenas no ano passado.

— É muito bonito. — Roarke ergueu o colar de várias voltas. As contas eram de vários tamanhos, formas, cores, mas amarradas de uma maneira que mostrava que o artesão tinha um olho inteligente. — Eu acho que Eve pode gostar disso. Uma lembrança de Bobbie, já que ela foi a responsável por finalmente trazer-lhe algum senso de justiça.

— Pode haver, realmente? — Com os olhos baixos, Maeve murmurou.

— Depois de todo esse tempo?

— Para minha tira, justiça caminha lado a lado com a verdade. Ela não vai deixar a verdade continuar enterrada, como Bobbie estava. — Ele ergueu as contas novamente. — Eu estou querendo levá-la para um feriado tropical rápido, e esse tipo de coisa serviria para os trópicos, não é?

— Após este tempo de Nova York? — disse Maeve com uma risada quando ela levantou o olhar mais uma vez. — Os trópicos serviriam para qualquer coisa.

— Com nossos horários é difícil ficar longe. Eu estou esperando que nós possamos encontrar essa abertura. Embora com o que eles encontraram

hoje, pode demorar um pouco mais.

— Eles encontraram algo mais? — perguntou Buchanan.

— Humm. Algo sobre um cofre de banco, cartas, e assim por diante. E, aparentemente, algo que o Hopkins primeiro gravou durante seu tempo como eremita. Minha esposa disse que ele falou de um pequeno cofre-forte no Número Doze, também murado. Hopkins deve ter estado muito ocupado. Eles estão procurando por isso, mas é um prédio grande. Pode levar dias.

— Um cofre. — Maeve respirou as palavras. — Eu me pergunto o que tem nele.

— Mais verdades? — Mas a voz de Buchanan estava tensa agora.

— Ou as divagações de um louco, alguém que já tinha matado?

— Talvez os dois — Roarke sugeriu. — Eu sei que minha esposa está esperando por algo que a leve para o assassino de Rad Hopkins. A verdade e justiça para ele também.

Ele colocou o colar no veludo. — Estou muito interessado nesta peça.

— Roarke tomou um gole de vinho. — Vamos negociar?

CAPÍTULO DEZ

o Número Doze, Eve estava na área que já havia sido um palco.

Onde algum dia houve som, luz e movimento, havia silêncio e

N escuridão. Ela podia sentir o cheiro de poeira e um leve cheiro dos produtos químicos que os peritos usaram na cena do crime. E podia sentir o

frio penetrante que atravessava os tijolos e argamassas de um prédio antigo. Ainda assim, o palco estava montado, ela pensou. Se seu palpite estivesse errado, ela teria perdido muito tempo departamental, mão de obra e dinheiro. Melhor isso, ela decidiu, do que anunciar na mídia atual que a maldição do Número Doze ainda era vital, ainda era letal.

— Você tem que admitir, é assustador. — Ao lado de Eve, Peabody analisou o salão do clube. Havia um monte de branco aparecendo em seus olhos. — Este lugar me dá arrepios.

— Mantenha seus arrepios para si mesma. Estamos prontos. Eu vou para o meu posto.

— Você não tem que ir lá para cima neste minuto. — A mão de Peabody agarrou como um feixe de fios vivos no pulso de Eve. — Sério. Ainda falta muito tempo.

— Se você tem medo do escuro, detetive, talvez você deveria ter trazido um ursinho de pelúcia para agarrar.

— Não é uma má ideia — Peabody murmurou quando Eve se soltou.

— Você vai se manter em contato, certo? Quero dizer, com comunicações abertas? Vai ser praticamente como se você estivesse ao meu lado.

Eve só balançou a cabeça enquanto ela caminhava para a escada. Ela tinha atravessado as portas com Peabody quando a morte ou certamente a dor estavam bem no outro lado. Ela rastejou através do sangue com ela. E

aqui estava a sua parceira geralmente leal chiando por causa de fantasmas. Seus passos ecoaram contra os degraus de metal, e tudo bem, talvez tenha sido um pouco assustador. Mas não era com ranger de portas e gemidos desencarnados que elas tinham que se preocupar esta noite. Era um assassino que poderia vir procurar as cartas da morta.

Não havia cartas, é claro. Nenhuma que ela soubesse, nenhum cofre que as escondesse. Mas ela não tinha dúvidas que a perspectiva delas iria atrair o assassino de Rad Hopkins ao Número Doze.

Não havia dúvidas de que o assassino era descendente de Bray e Hopkins. Se seu palpite não estivesse certo esta noite, ela iria enfrentar uma tempestade na mídia amanhã; ela enfrentaria de qualquer forma, ela admitiu. Mas ela preferia lidar com isso com o caso encerrado.

Engraçado como Bygones tinha antigas fotos do deserto. Talvez fossem do Arizona, talvez não, mas ela apostava que eram. Haviam fotos antigas de São Francisco, também, antes do terremoto ter lhe dado uma boa sacudida. Outras de Nova York durante esse período de tempo e de Los Angeles. Todas frequentadas por Bobbie.

Coincidência, talvez. Mas ela concordava com um dos detetives em seu esquadrão em um caso recentemente fechado, um caso que também incluía troca de identidades.

Coincidências não existiam.

Ela atravessou o segundo pavimento e começou a subir para os antigos apartamentos.

Eve não duvidava que Roarke tinha desempenhado o seu papel e jogou muito bem. Com a isca que ele lançou, ela estava apostando que o assassino de Radcliff C. Hopkins, e descendente do assassino de Bobbie Bray, morderia rapidamente. Morderia esta noite.

Ela tomou a posição onde ela poderia manter as janelas à vista, se colocando de costas para a parede. Eve pegou seu comunicador para ligar para o de Peabody, e disse: — Buu.

— Ah, que engraçado. Estou rachando de rir aqui.

— Quando você acabar com a sua hilaridade, vamos fazer uma verificação. Feeney, está ouvindo?

— Sou seus olhos, seus ouvidos e os sensores de calor corporal.

Nenhum movimento.

— Você está comendo uma rosquinha?

— Por que você precisa de olhos e ouvidos eletrônicos se você pode dizer que eu estou comendo uma rosquinha daí? — Houve um som de mastigação enquanto Feeney comia a rosquinha com café. — Roarke comprou para a equipe umas coisinhas para nos manter alerta.

— Sim, ele está sempre comprando alguma coisa. — Ela desejou que ela tivesse uma maldita rosquinha. Ou melhor, café.

— Você deveria ter usado as contas, Tenente. — A voz de Roarke soou.

— Eu acho que elas poderiam ter apelado para Bobbie.

— Sim, é isso que eu preciso. Quinquilharias e contas. Eu poderia usá-las para. .

— Peguei alguma coisa — interrompeu Feeney.

— Eu ouvi. — Eve ficou em silêncio, e quando ela se concentrou, o som, um zumbido, assumiu o padrão de uma canção, e um perfume feminino. Ela tirou sua arma.

— As saídas e entradas — ela murmurou para Feeney.

— Tranquilas — disse ele em seu ouvido. — Eu não tenho nenhum movimento, nenhum visual, nenhuma leitura no sensor de calor, nem nada além de você e Peabody.

Então isso era um temporizador, Eve decidiu. Um circuito eletrônico que havia passado despercebido pela DDE.

— Dallas? — A voz de Peabody era um silvo frenético. — Você ouviu? Eu vi...

O fone de ouvido tornou-se um zumbido irritante. E o ar ficou gelado.

Ela não conseguiu impedir que o frio percorresse sua espinha, mas ninguém tinha que saber disso. Ela poderia ter amaldiçoado a falha nas comunicações e vigilância, mas ela estava muito ocupada assistindo a figura amorfa se mover na direção dela.

Bobbie Bray usava jeans amplamente folgados dos joelhos para baixo, pendurados baixo sobre os quadris, decorados com flores entrelaçadas nos lados de cada perna. Uma blusa branca transparente parecia flutuar em uma brisa. Seu cabelo era um emaranhado desenfreado de cachos com o brilho dos grampos de diamante. Enquanto caminhava, enquanto cantarolava, ela levantou um cigarro aos lábios e tragou profundamente.

Por um instante, o forte cheiro de tabaco encheu o ar.

Pela forma como a imagem se moveu, Eve decidiu que o tabaco não era a única coisa que ela estava fumando. Pelo modo que o fantasma se movia, ela estava drogada até os globos oculares.

— Você acha que eu estou acreditando nisso? — Eve se afastou da parede. Mas quando ela começou a se mover para a frente algo bateu nela. Mais tarde, ela pensaria que foi como ser perfurada com um bloco de gelo. Ela empurrou-se para a frente, seguindo a figura para o que tinha sido o quarto do apartamento.

A figura parou, como se estivesse assustada.

Eu não sabia que você estava aqui em cima. Do que se trata isso? Eu te disse, eu estou indo embora. Eu já fiz as malas. Não me venha com mais merdas, Hop.

A figura se moveu enquanto falava, imitando estar derramando algo em um copo e bebendo. Havia cansaço na voz e estremecimento pelas drogas.

Porque eu estou cansada e doente. Eu estou tão confusa. Toda essa encenação é fodida, e eu não posso mais fazer isso. Eu não dou a mínima para a minha carreira. Isso era tudo o que você queria. Sempre foi tudo o que você queria.

Ela se virou, colocou as mãos nos quadris e turvou os olhos desafiadoramente.

É? Bem, talvez eu tenha desfrutado, e agora eu estou desistindo. Pelo amor de Deus, olha para nós, Hop. Olhe para si mesmo. Ou estamos bêbados ou drogados.

Temos uma filha. Não me diga para calar a boca. Estou farta de mim mesma e estou farta de você. Eu vou me endireitar a partir de agora.

A imagem lançou um braço para fora como se jogasse um copo contra a parede.

Eu não vou transar com outro cara. Eu não vou assinar com outra gravadora. Eu estou farta. Você não entendeu? Eu estou farta disso, e estou farta de você. Você é um maluco, Hop. Você precisa de ajuda mais do que eu. Largue isso.

A imagem abaixou suas mãos agora, tropeçando para trás.

Você tem que se acalmar. Você tem que abaixar isso. Vamos falar sobre isso, ok? Eu não tenho que ir embora. Eu não estou mentindo. Eu não estou. Oh, Deus.

Não. Não. Jesus, Hop. Não!

Houve um estalo quando a figura se empurrou para trás e em seguida

caiu. O buraco no centro da sua testa vazou sangue.

— Que belo espetáculo — Eve disse, e sua voz soou rouca para seus próprios ouvidos. — Que bela performance.

Eve ouviu o fraco rangido atrás dela e girou. Maeve entrou no quarto, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. E uma faca reluzente devidamente em sua mão.

— Ele me matou a tiros. É melhor morta do que desaparecida, foi isso o que ele disse.

Não era John Massey, Eve percebeu. O legado Bray/Hopkins tinha arruinado outra geração.

— Você parece viva para mim, Maeve.

— Bobbie — corrigiu ela. — Ela está em mim. Ela fala através de mim. Eu sou ela.

Eve soltou um suspiro e manteve a arma para baixo ao seu lado. — Oh, dê um passo para trás. Fantasmas já não é suficientemente ridículo, agora temos que entrar em possessão?

— E ele me matou. — Maeve cantarolou. — Tomou a minha vida. Ele disse que eu não era nada sem ele, só uma prostituta drogada com cordas vocais da sorte.

— Rude — Eve concordou. — Eu concordo com você. Mas tudo isso aconteceu antes de você nascer. E ambos os atuantes estão mortos há muito

tempo. Por que matar Hopkins?

— Ele me emparedou. — Seus olhos brilhavam com lágrimas, fúria e loucura. — Ele pagou os policiais, e eles não fizeram *nada*.

— Não, ele não pagou. O avô dele quem fez isso.

— Não há nenhuma diferença. — Ela girou um círculo lento enquanto ela falava com os braços para fora. — Ele era, eu era. Ele é, eu sou. — Em seguida, girou e apontou para Eve com a ponta da faca. — E você, você não é diferente daqueles policiais que me deixaram apodrecer lá dentro. Você é apenas mais uma porca.

— Ninguém me subornou. Eu termino o que começo, e deixe-me dizer-lhe uma coisa: Isso acaba aqui.

— Isso nunca vai acabar. Eu não posso sair, você não entendeu? — Maeve bateu com a mão sobre os lábios como se quisesse segurar o borbulhar do riso, que terminou em um soluço abafado. — Todo dia, toda noite, é a mesma coisa. Eu não consigo ficar longe disso, e eu dou voltas, voltas e voltas, assim como ele queria.

— Bem, eu vou ajudá-la a sair daqui. E você pode passar todos os dias, todas as noites do resto de sua vida natural em uma prisão. Pode ser uma agradável e acolchoada, no seu caso.

Maeve sorriu agora. — Você não pode parar isso. Você não pode me parar, você não pode parar isso. “Você nunca vai me deixar.” Foi o que ele

disse quando ele estava me emparedando lá em cima. Ele me fez, foi o que ele disse, e eu não ia a lugar nenhum. Nunca. O bastardo maldito me matou, me xingou, me prendeu. O que diabos você vai fazer a respeito?

— Acabar com isso. Maeve Buchanan, você está presa pelo assassinato de Radcliff Hopkins. Você tem o direito de permanecer calada..

— Você vai pagar por ter me deixado lá! — Maeve girou a faca que segurava e errou por uns trinta centímetros.

— Jesus, você luta como uma garota. — Eve circulou com ela, observando os olhos de Maeve. — Eu não sou uma idiota acima do peso, e você não tem uma arma neste momento. Portanto, preste atenção. Arma de choque, faca. Arma de choque sempre vence. Você quer uma sacudida, Maeve?

— Você não pode me machucar. Não neste lugar. Eu não posso ser machucada aqui.

— Quer apostar? — disse Eve, e atingiu Maeve com um atordoamento baixo quando a ruiva atacou novamente.

A faca escorregou da mão de Maeve quando ela caiu para trás, caindo duro de bunda. Houve um outro golpe de frio, desta vez como pregos com ponta de gelo raspando pelo rosto de Eve. Mas ela ignorou isso, arrancando restrições dela enquanto arrastava os braços de Maeve atrás das costas. Maeve lutou, seu corpo se contorcendo enquanto ela cuspia maldições.

E o frio, chicoteado por um vento feroz, passou direto até o osso.

— Isso acaba aqui — Eve repetiu sem fôlego enquanto sentia punhos frígidos batendo em suas costas. — Radcliff C. Hopkins será acusado de assassinato em primeiro grau pela morte ilegal de Bobbie Bray, postumamente. Essa é a minha sentença. Ponto final. Agora me deixe em paz para que eu possa fazer o meu trabalho.

Eve arrastou Maeve de pé quando o vento começou a morrer. — Nós vamos acrescentar invasão e agressão a uma oficial apenas para nos divertir.

— Meu nome é Bobbie Bray, e você não pode me tocar. Eu sou Bobbie Bray, você está me ouvindo? Eu sou Bobbie Bray.

— Sim, eu ouvi você. — Justo então ela ouviu a gritaria frenética repentina de vozes em sua orelha e o trovão de passos na escada.

— Eu não conseguia chegar na escada — Peabody disse a ela. — De repente, o lugar estava cheio de pessoas e música. Foi assustador. Meu comunicador pifou, e eu estava tentando me empurrar através desta parede de corpos. Corpos vivos, bem, não vivos. Eu não sei. Está tudo confuso.

— Nós fomos para as portas assim que os comunicadores deram pane — acrescentou Feeney. — Não foi possível consertá-los. Nem mesmo seu homem lá com seus dedos mágicos. Então, de repente, puf, os comunicadores voltaram, as fechaduras abriram e nós entramos. Maldito lugar. — Feeney encarou o Número Doze enquanto estavam na calçada. —

Deveria ser destruído, na minha opinião. Destruir o bastardo e jogar sal na terra.

— Maeve Buchanan fraudou isso, isso é tudo. Vamos descobrir como.

— Essa era a sua história, Eve disse a si mesma, e ela ficaria com ela. — Eu vou levá-la para o interrogatório. Só a atingi o suficiente para que ela não pudesse pedir logo um advogado.

— Posso pegar uma carona?

Eve se virou para Roarke. — Sim, eu levo você. Os uniformizados estão transportando a suspeita para a Central. Peabody, você quer fiscalizar isso?

— Deixa comigo. Fico feliz em dar o fora deste lugar.

Quando ele se instalou no carro ao lado de Eve, Roarke disse simplesmente: — Me conte.

— Maeve provavelmente já estava lá dentro. Nós só a deixamos passar despercebida na varredura. Ela tinha um transmissor eletrônico e um programa escondido em algum lugar.

— Eve.

Ela deixou escapar um suspiro e xingou um pouco. — Se você quer ser fantasioso ou sei lá o quê, eu tive uma conversa com uma mulher morta.

Ela disse a ele, se esforçando para ser prosaica.

— Portanto, não foi Maeve que machucou e arranhou seu rosto.

— Eu não sei o que era, mas eu sei que isso vai ser empacotado, e

empacotado apertado esta noite. Buchanan já deve estar sabendo agora. Vamos ver se ele estava nessa, ou se Maeve trabalhava sozinha. Mas eu estou muito certa de que ela é a pessoa que disparou a arma. Ela foi a única que atraiu Hopkins para lá. Ele tinha uma fraqueza por mulheres jovens. Ele nunca se sentiu ameaçado por ela. Entrou direto, sozinho, desarmado.

— Se ela continuar com essa história sobre ser Bobbie Bray, ela pode acabar em uma clínica psiquiátrica em vez da prisão.

— Uma prisão é uma prisão, o formato dela não é minha decisão.

*** * ***

Na Central, Eve deixou Maeve cozinhar um pouco enquanto ela esperava Mira ser trazida e assumir um posto na observação. Então ela pegou Buchanan primeiro.

Ele estava tremendo quando ela entrou na sala de entrevistas B, o rosto pálido, os olhos brilhantes com angústia.

— Eles disseram. . eles disseram que você prendeu minha filha. Eu não entendi. Ela vai precisar de um advogado. Eu quero arranjar um advogado para ela.

— Ela é adulta, Sr. Buchanan. Ela vai pedir sua própria representação, se ela quiser.

— Ela não vai estar pensando direito. Ela vai ficar transtornada.

— Ela não vem pensando direito há algum tempo, não é?

— Ela é.. ela é delicada.

— Aqui. — Peabody colocou um copo de água em cima da mesa para ele. — Tome um pouco. E então você poderá nos ajudar a ajudar a sua filha.

— Ela precisa de ajuda — Eve acrescentou. — Você sabia que ela afirma ser Bobbie Bray?

— Oh, Deus. Oh, Deus. — Ele colocou seu rosto entre as mãos. — A culpa é minha. É tudo culpa minha.

— Você é John Massey, neto de Bobbie Bray e Radcliff Hopkins?

— Eu fiquei longe de tudo isso. Eu tive que ficar longe dele. Ele destruiu a minha mãe. Não havia nada que eu pudesse fazer.

— Então, durante as Guerras Urbanas, você viu a sua chance. Plantou sua identidade em outro corpo depois de uma explosão. Havia principalmente partes de corpos. Tudo uma confusão. E você foi embora.

— Eu não conseguia aguentar toda a matança. Eu não podia voltar para casa. Eu queria paz. Eu só queria um pouco de paz. Eu construí uma vida boa. Me casei, tive uma filha. Quando minha esposa morreu, eu me dediquei a Maeve. Ela era a coisa mais doce.

— Então você disse a ela de onde ela veio, de quem ela tinha vindo.

Ele balançou a cabeça. — Não. Ela me disse. Eu não sei como ela chegou a suspeitar, mas ela rastreou Rad Hopkins. Ela disse que foi a negócios, e eu queria acreditar nela. Mas eu estava com medo de que fosse

algo mais. Até que um dia ela me disse que tinha estado no Número Doze, e que ela compreendeu. Ela ia cuidar de tudo, mas eu nunca pensei que ela queria dizer. . Isso vai arruinar a vida dela agora, também? Isso vai arruinar a vida dela?

— Você sabia que ela voltou na noite que Hopkins foi morto — disse Eve. — Você sabia o que ela tinha feito. Ela teria dito a você. Você a acobertou. Isso faz de você um cúmplice.

— Não. — O desespero era brilhante em seus olhos enquanto eles corriam ao redor da sala. — Ela estava em casa durante toda a noite. Isso tudo é um erro terrível. Ela está chateada e confusa. Isso é tudo.

Elas deixaram ele sentado e saíram para o corredor. — Impressões, Peabody?

— Eu não acho que ele teve uma participação ativa no assassinato. Mas ele sabia, talvez se recusou a acreditar nisso, mas ele sabia. Nós podemos pegá-lo por ser cúmplice após o fato. Ele vai ceder assim que ela fizer o mesmo.

— Concordo. Então vamos fazê-la ceder.

*** * ***

Maeve sentou-se calmamente. Seu cabelo estava alisado novamente e seu rosto estava plácido. — Tenente, Detetive.

— Gravar. — Eve leu os dados no gravador e recitou seus direitos. —

Você entende os seus direitos e obrigações, Srta. Buchanan?

— Claro.

— Então, Maeve. — Eve se sentou à mesa em frente a ela. — Há quanto tempo você conhecia Hopkins?

Um pequeno sorriso forçado curvou seus lábios. — Qual?

— O que você baleou nove vezes no Número Doze.

— Oh, esse Hopkins. Eu o conheci logo depois que ele comprou o prédio. Eu li sobre isso, e pensei que era hora de resolvemos algumas questões.

— Que questões?

— Ele me matou.

— Você não parece morta.

— Ele atirou em mim para que eu não pudesse deixá-lo, então eu não seria o trem de dinheiro de outra pessoa. Em seguida, ele acobertou-se. Ele me escondeu. Eu esperei muito tempo para fazê-lo pagar por isso.

— Então você mandou a mensagem para que ele fosse ao Número Doze. E então você o matou.

— Sim, mas nós tínhamos tido uma série de encontros lá antes. Tivemos que encontrar meus restos.

— Os restos mortais de Bobbie Bray.

— Sim. Ela está em mim. Eu sou Bobbie. — Ela falou calmamente,

como se estivessem mais uma vez sentadas na sala de estar elegante em seu tríplex. — Eu voltei para fazer justiça. Ninguém me deu isso antes.

— Como você sabia onde os restos mortais estavam?

— Quem saberia melhor? Você sabe o que ele queria fazer? Ele queria trazer a mídia, fazer outra fortuna às minhas custas. Ele tinha tudo planejado. Ele traria a mídia, deixaria os meus pobres ossos serem mostrados nos noticiários, daria entrevistas; por uma taxa enorme, é claro. Usando-me outra vez, como sempre fazia. Não desta vez.

— Você acreditava que Rad Hopkins era Hop Hopkins reencarnado? — perguntou Peabody.

— Claro. É óbvio. Só que desta vez eu joguei com ele. Disse a ele que meu pai iria pagar pelas cartas que eu tinha escrito. Eu disse a ele onde tínhamos que abrir a parede. Ele não acreditou em parte, mas ele queria se meter debaixo da minha saia.

Ela torceu o nariz para mostrar sua aversão leve. — Eu poderia fazê-lo fazer o que eu queria. Nós trabalhamos por horas quebrando aqueles tijolos. E então ele acreditou.

— Você pegou os grampos de cabelo e a arma.

— Mais tarde. Os deixamos enquanto ele trabalhava em seu plano. Embora, no fundo, ele cavou sua própria sepultura. Eu os limpei. Eu realmente amava esses grampos de cabelo. Oh, havia pentes de munição,

também. Eu os levei. Eu estava lá.

Seu rosto mudou, endureceu, e sua voz ficou crua, gutural. — Dentro de mim, no prédio. Tão triste, tão fria, tão perdida. Cantando, cantando todas as noites. Por que eu deveria cantar para ele? Bastardo assassino. Eu dei-lhe um filho, e ele não quis.

— E você? — Eve perguntou a ela.

— Eu estava uma bagunça. Ele me deixou viciada; as drogas, a vida, o prazer, sabe? Essas merdas eram mais importantes para Hop. Mas eu ia me endireitar, desistir, voltar para o meu filho. Eu ia, e já tinha embalado as minhas coisas. Eu escrevi e disse à minha mãe que eu estava deixando Hop. Mas ele não queria isso. Um bilhete premiado, isso é o que eu era. Ele nunca quis a criança. Só eu, só o que eu poderia trazer. Cantando e cantando.

— Você mandou uma mensagem para Rad para atraí-lo ao Número Doze.

— Claro. De um *tele-link* público, fácil e rápido. Eu disse a ele para vir, e quando vir. Ele gostava quando eu usava a voz de Bobbie, que peguei de gravações antigas, nas mensagens que eu enviava a ele. Ele achava sexy. Idiota. Ele ficou ali, sorrindo para mim. Eu trouxe, ele disse.

— O quê?

— O relógio dele. O relógio que ele estava na noite em que ele atirou em mim. O que eu comprei para ele quando meu álbum atingiu o primeiro

lugar. Ele estava com ele em seu pulso e estava sorrindo para mim. Eu atirei nele, e continuei atirando nele até que o pente estava vazio. Então eu empurrei e virei o bastardo assassinato, e coloquei a arma contra sua cabeça, contra ele, e atirei nele novamente. Como ele fez comigo.

Ela encostou-se um pouco, sorriu um pouco. — Agora ele pode passear naquele maldito lugar, noite após noite. Vamos ver se ele gosta disso.

EPÍLOGO

uando Eve saiu, esfregou as mãos sobre o rosto, e Mira saiu de sua observação.

Q — Não me diga — Eve começou. — Louca como um rato de esgoto.

— Esse pode não ser o meu diagnóstico preciso, mas eu acredito que nós vamos encontrar nos testes que Maeve Buchanan é legalmente insana e precisa desesperadamente de tratamento.

— Contanto que ela vá para uma prisão. Ela não tem nem um pouco de remorso. Nem um pouco de medo. Nem tentou se safar.

— Ela acredita que tudo o que ela fez foi justificado, até mesmo necessário. Minha impressão, pelo menos a partir da observação deste interrogatório inicial, é que ela está dizendo a verdade exatamente como ela sabe. Há histórico de doença mental em ambos os lados de sua família. Isso pode muito bem ser genético. Descobrir quem era sua bisavó ajudou a

empurrá-la sobre seus limites, onde ela podia muito bem ter estado oscilando.

— Como ela descobriu? — acrescentou Eve. — Há essa questão. O pai deve ter deixado escapar alguma coisa.

— Possivelmente. Alguma vez você simplesmente *soube* de alguma coisa? Ou sentiu? É claro que já. E, pelo que me disseram que aconteceu esta noite, você teve um encontro.

Franzindo a testa, Eve passou os dedos sobre sua bochecha dolorida.

— Eu não vou ficar aqui e dizer que fui atacada por um fantasma. Tenho certeza que não colocarei isso no meu relatório.

— Independentemente disso, você pode no final disso descobrir que a única maneira razoável de Maeve saber da sua herança era através da própria Bobbie Bray. E também como ela soube da localização dos ossos pela mesma fonte.

— Essas dicas não são lógicas.

— Mas é plausível. E saber dessas coisas estalou algo dentro dela. Sua maneira de lidar era tornar-se Bobbie. Acreditar que ela é a reencarnação de uma mulher que foi morta antes de seu pleno potencial ser realizado. E que, se ela tivesse vivido, se ela voltasse para reivindicar sua filha, teria mudado tudo. — Isso é colocar muita fé em uma drogada — Eve comentou. — E usando, na minha opinião, uma mulher que foi usada, explorada e

assassinada, para tornar a sua vida um pouco mais importante.



Agora, ela esfregou os olhos. — Eu vou pegar um pouco de café, em seguida vou falar com o pai novamente. Obrigada por ter vindo.

— Tem sido fascinante. Eu gostaria de fazer o teste nela pessoalmente. Se você não tiver nenhuma objeção.

— Quando eu acabar, ela é toda sua.

Como seu próprio AutoChef tinha o único café de verdade em toda a Central de Polícia, Eve desviou para lá primeiro.

Lá estava ele, sentado em sua mesa, mexendo em seu *tablet*.

— Você deveria ir para casa — Eve disse a Roarke. — Eu vou passar a noite toda nisso.

— Eu vou, mas eu queria vê-la primeiro. — Ele levantou-se e tocou a mão em seu rosto. — Coloque algo sobre isso, certo? — Antes que ela fizesse isso, ele colocou seus lábios lá. — Você conseguiu uma confissão?

— Ela está cantando, ha-ha. Capítulo e versículo. Mira diz que ela é louca, mas isso não vai mantê-la fora da prisão.

— É triste, realmente, que uma obsessão com uma mulher poderia causar tanta tristeza e por tanto tempo.

— Um pouco disso termina hoje à noite.

Desta vez, ele colocou seus lábios nos dela. — Volte para mim quando puder.

— Pode contar com isso.

Sozinha, ela se sentou. E sozinha ela escreveu um relatório e os documentos acusando Radcliff C. Hopkins I de assassinato em primeiro grau de Bobbie Bray. Ela o arquivou em seguida, e depois de pensar um momento, o arquivou de outra forma.

Ela pediu a liberação dos restos mortais de Bobbie Bray para si mesma, se eles não foram reivindicados pelo parente mais próximo, para que ela pudesse mandar enterrá-la. Tranquilamente.

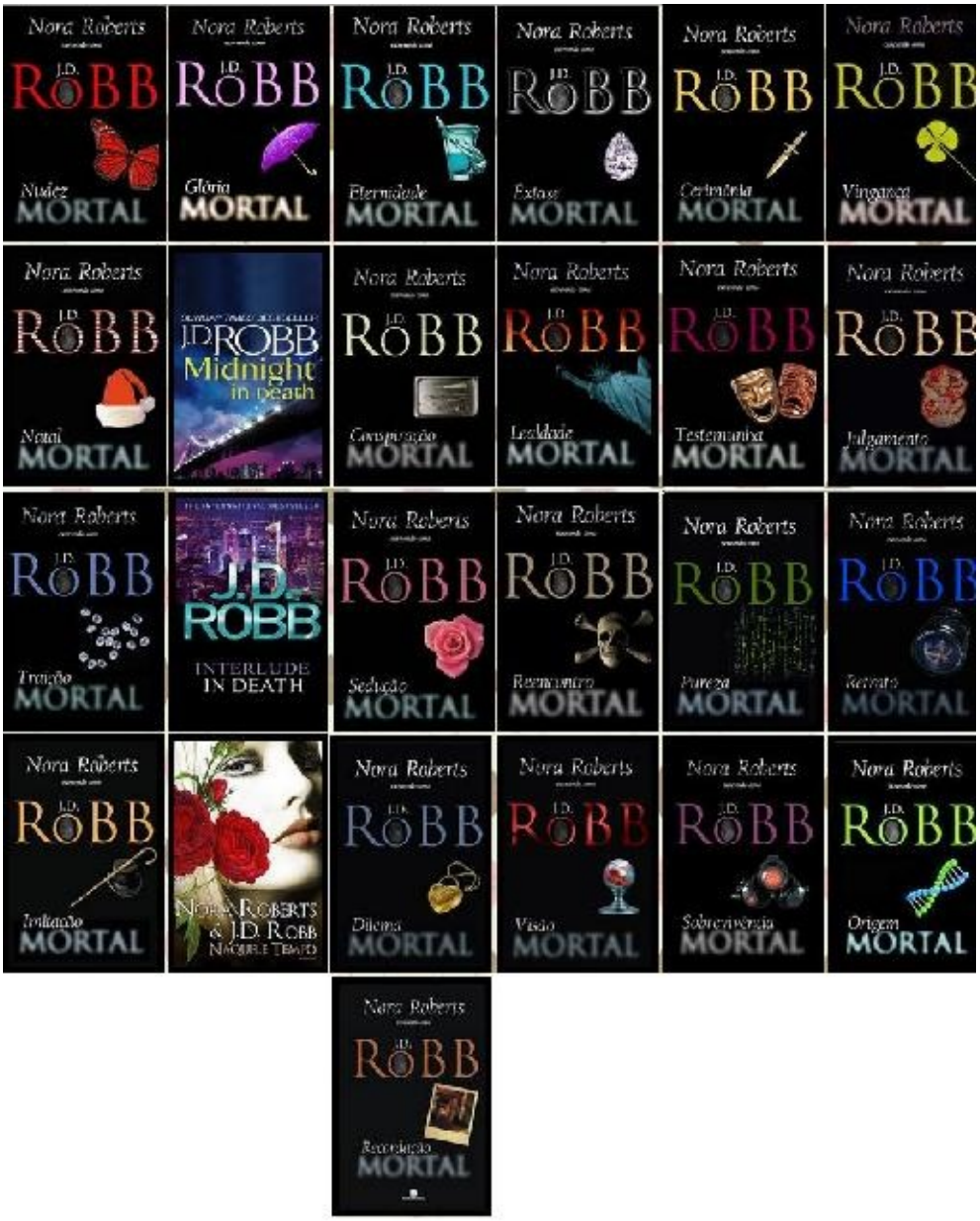
— Alguém deve fazê-lo — ela declarou em voz alta.

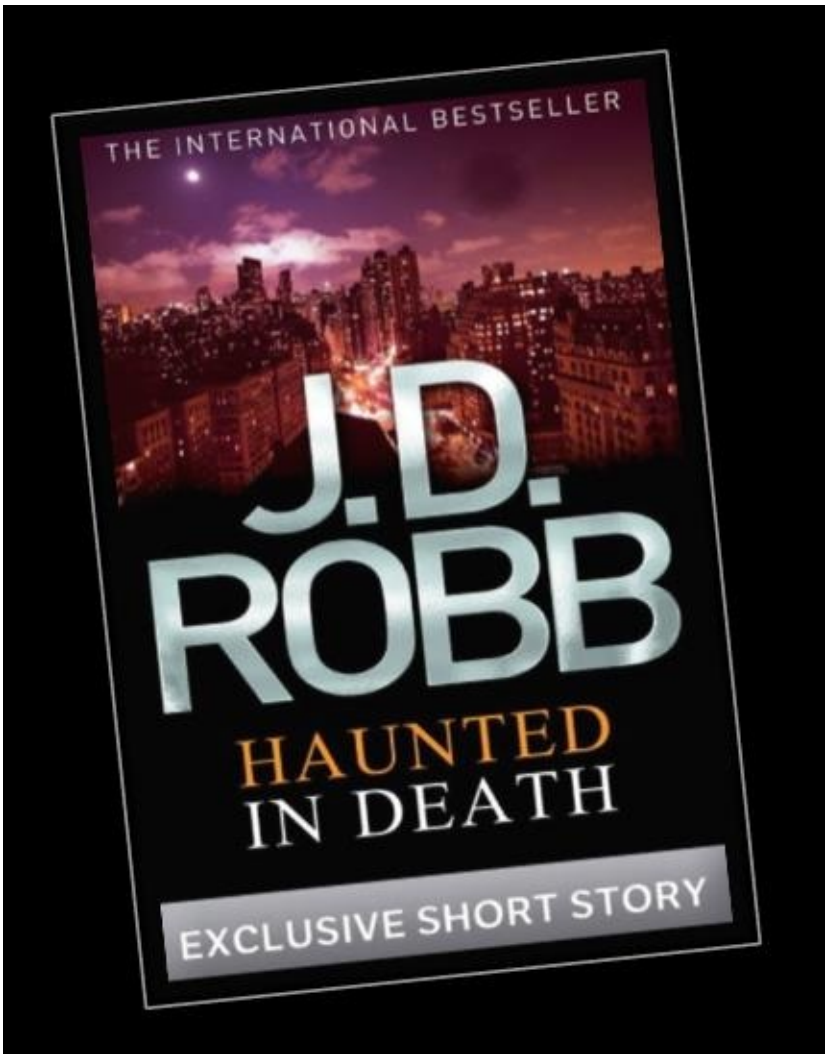
Ela pegou seu café e revirou os ombros doloridos. Em seguida, voltou ao trabalho.

No Número Doze, havia silêncio no escuro. Ninguém cantava, chorava ou ria. Ninguém caminhava por lá.

Pela primeira vez em oitenta e cinco anos, o Número Doze estava vazio.

Fim!


Nora Roberts
J.D. ROBB
Nudez
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Glória
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Eternidade
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Extase
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Cerimônia
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Vingança
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Natal
MORTAL
J.D. ROBB
Midnight in Death
Nora Roberts
J.D. ROBB
Conspiração
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Lealdade
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Testemunha
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Julgamento
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Traição
MORTAL
J.D. ROBB
INTERLUDE IN DEATH
Nora Roberts
J.D. ROBB
Sedução
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Reencontro
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Pureza
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Retrato
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Imitação
MORTAL
NORA ROBERTS & J.D. ROBB
NAQUELE TEMPO
Nora Roberts
J.D. ROBB
Dilema
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Visão
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Sobrevivência
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Origem
MORTAL
Nora Roberts
J.D. ROBB
Recordação
MORTAL



In Death Series (Série Mortal)